

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

O OLHAR DE PAIS E EDUCADORES SOBRE A INTERAÇÃO DA
CRECHE/FAMÍLIA

Maria Eduarda Farias da Silva

Relatório realizado sob a orientação

Mestre Maria Lacerda

Mestrado em Educação Pré- Escolar

Lisboa, Junho de 2014

“ A creche é a única instituição educacional que se colocou, no relacionamento com a família, (...) espaços de verdadeiro confronto entre competências e profissionalismo do educador e projeto racional- afetivo do pai.”

(Bonomi, A. 1998. p. 168)

ERRATA

No capítulo sobre o tema de considerações finais, página 53, no primeiro parágrafo onde se lê “Foram colocadas as seguintes questões:”. Deve-se ler, “Foram colocadas as seguintes questões:

- saber a opinião de educadoras sobre a relação entre creche e família;
- conhecer a percepção dos pais relativa à mesma;
- qual a opinião de pais/educadores sobre o comportamento das crianças aquando da realização de atividades conjuntas.”

AGRADECIMENTOS

Este relatório exigiu muito de mim, mas não era possível realizar este tipo de trabalho sem o apoio de outras pessoas, que me acompanharam, ajudaram nesta minha caminhada. Mediante isso, lhes dedico estas palavras:

À minha orientadora de Relatório, a docente Mestre Maria Lacerda, agradeço ao apoio e disponibilidade, a paciência demonstradas desde do início deste relatório.

À minha orientadora da Prática de Ensino Supervisionada, a Mestre Teresa Meireles pelo acompanhamento profissional dado durante o meu estágio.

À instituição que permitiu que eu pudesse frequentar este curso, às colegas pelo apoio moral, sobretudo às educadoras cooperantes, que demonstraram disponibilidade e empenho durante o meu percurso como estagiária.

Aos pais e educadoras entrevistados que colaboraram comigo, na minha parte prática, deste relatório.

À minha família agradeço o apoio total que me deram ao longo da minha formação.

Ao meu filho por me ter acompanhado nesta minha reta final de curso.

Um muito obrigado a todos por terem participado nesta fase da minha vida.

RESUMO

A criança, desde muito cedo, conhece o mundo que a rodeia por meio de interações que estabelece primeiramente com a família e depois com os outros. A creche tem um papel importante nesta aprendizagem. A família, bem como a creche, são essenciais na formação do ser de cada criança ao transmitir-lhe sentido de pertença e o de identidade.

As exigências profissionais existentes levam cada vez mais que as famílias recorram às creches como respostas às suas necessidades. Esse fator fez com que o número de creches em Portugal tenha aumentado, indo ao encontro dessas necessidades.

A importância da participação da família na creche já faz parte do senso comum mas em muitas escolas, a relação escola/família é pouco eficaz ou inexistente, contudo compete aos profissionais procurar pensar e dinamizar atividades motivadoras para envolver as suas crianças e a família.

A interação entre creche/família reflete-se no comportamento da criança perante a creche e a família. Daí darmos importância a este estudo de comunicação entre creche/família.

Portanto pretendemos abordar que ideias sobre esta interação têm tanto as famílias como as educadoras de infância a trabalhar em creche. E como esta forma de comunicação é sentida pelas crianças.

Decidiu-se realizar um estudo de carácter qualitativo recorrendo a entrevistas a três educadoras e a seis famílias.

Os dados recolhidos evidenciaram a opinião dos entrevistados sobre relação creche/família e como têm sido desenvolvidas práticas para reforçar esta relação. Quais as vantagens e desvantagens deste tipo de relação, e qual é o impacto desta interação nas crianças.

Palavras- chave: Interação da creche/família, Creche na Educação, Papel do Educador, Participação creche/família, Crianças.

Abstract

The child from an early age, know the world around it through that first establishes interactions with family and then to others.

The nursery has an important role in learning. The family, as well as childcare, are essential in the formation of the being of each child by giving it a sense of belonging and identity.

Existing professional requirements lead increasingly families availing nursery's as answers to their needs. This factor has made the number of nursery's has increased in Portugal, meeting these needs.

The importance of family involvement in childcare is already part of common sense but in many schools, school / family relationship is weak or nonexistent, however it is for the professionals looking thinking and dynamic motivational activities to engage your children and family.

The interaction between childcare / family is reflected in the behavior of the child before the childcare and family. Hence give importance to this study of communication between childcare / family.

It was decided to conduct a study using qualitative character interviews to three teachers and six families.

The data collected showed the relationship 'perception about childcare / family practices and how to strengthen this relationship have been developed. What are the advantages and disadvantages of this type of relationship, and what is the impact of this interaction in children.

Keywords: Interaction of childcare / family daycare in Education, Role of Educator Participation childcare / Family, Children

ÍNDICE

EPÍGRAFE.....	i
AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO.....	iii
ABSTRACT.....	iv
ÍNDICE.....	v
INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1	
ENQUADRAMENTO TEÓRICO	8
1. CONCEITO DE EDUCAÇÃO.....	8
2. O CONCEITO DE FAMÍLIA	11
2.1. MUDANÇAS NA ESTRUTURA DA FAMÍLIA.....	15
3. FINALIDADE DOS SERVIÇOS DE ATENDIMENTO À INFÂNCIA.....	17
3.1. O PAPEL DO EDUCADOR NA CRECHE.....	21
3.2. RELAÇÃO FAMÍLIA/ CRECHE.....	27
CAPÍTULO 2	
1. METODOLOGIA DO ESTUDO.....	33
2. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	33
3. ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	34
4. PARTICIPANTES NO ESTUDO.....	35
5. PROCEDIMENTOS	36
6. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS.....	38
6.1. A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	38
CAPÍTULO 3	
1. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	40
1.1. SÍNTESE DA TRIANGULAÇÃO DOS DADOS.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	58
ANEXOS.....	64

INTRODUÇÃO

Nas sociedades atuais a educação e a família diferenciaram-se e especializaram-se. Esta transformação deu origem a grandes mudanças na vida familiar com a transferência da produção e controle económico da casa para as fábricas e para os mercados e no modo de organizar o sistema educacional, tal como o conhecemos, com os seus profissionais. Por outro lado, a família extensa, incluindo parentes e agregados, transformou-se em família nuclear restrita (pai, mãe, filhos) perdendo parte das suas funções reprodutivas, económicas e educacionais, tal como nos refere Carvalho (2004).

Numa altura em que a sociedade já compreendeu que não basta garantir o acesso à educação, é preciso centrar os esforços na democratização do sucesso porque o investimento na educação apresenta, a médio prazo, uma taxa elevada de retorno para os orçamentos públicos. Grande parte da aprendizagem ocorre na família, com os media e com as instituições sociais, parecendo ter chegado o momento de melhorar os elos de ligação ou mesmo criar novas ligações, entre as escolas e outras instituições, e, entre as escolas e as famílias, em que o educador/professor, seja o elemento conhecedor do processo de aprendizagem.

O estabelecimento de ligações entre a escola e a comunidade envolvente, e o acompanhamento por pessoas com formação e com conhecimento da realidade educativa, permite renovar a educação de uma forma construtiva, reafirmar a aposta na qualidade da aprendizagem, quebrar o isolamento das escolas, e, integrar um maior número de famílias e de alunos.

Para Reis (2008) é urgente e cada vez mais necessário que exista uma relação de proximidade entre a família e a escola. Esta construção de proximidade deve começar o mais cedo possível e cabe ao educador promovê-la criando um bom ambiente entre ambas as instituições.

Spodek (2002) refere que se torna primordial para o desenvolvimento das crianças a existência uma boa relação entre creche/famílias.

“...A combinação entre a qualidade da creche, as características da criança e as características dos pais são os melhores fatores” que contribuem para desenvolvimento global da criança. (Spodek 2002, pp.750 ,751).

A escolha da temática relação creche/família emergiu aquando da realização da Prática de Ensino Supervisionada, facto que foi reforçado pela orientadora do relatório para o por ser uma mais-valia para mim como educadora bem como para a instituição.

Assim, com a temática- Interação da creche/família - o presente estudo tem como objetivos: (I) saber a opinião das educadoras de infância sobre a relação entre creche e família; (II) conhecer a percepção dos pais relativamente à mesma e (III) qual a opinião de pais/educadores sobre o comportamento das crianças aquando da realização de atividades conjuntas.

Este estudo está dividido em três partes:

A primeira parte refere-se ao enquadramento teórico dando ênfase à evolução dos conceitos de educação e de família, à finalidade dos serviços de atendimento à primeira infância, ao papel do Educador e por fim à relação creche/família.

Na segunda parte apresentamos a metodologia na qual optámos por uma investigação de carácter qualitativo, seleccionando para isso, como técnica de recolha de dados a entrevista semiestruturada.

Na terceira parte discriminamos e analisamos os dados recolhidos ao longo desta investigação, onde observamos – (I) relação creche/família; (II) vantagens e desvantagens; (III) contributo para a relação creche/família e (IV) reações das crianças.

Na última e quarta parte, realizámos as considerações finais, onde refletimos sobre os dados analisados e sobre as limitações do presente estudo.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. CONCEITO DE EDUCAÇÃO

O conceito de educação foi evoluindo ao longo dos tempos, de acordo com as realidades socioculturais e económicas de cada momento. Etimologicamente, a palavra educar vem dos verbos latinos “educare”, que significa cuidar, criar, alimentar ou nutrir, com base numa assimilação interior.

Educar é conduzir, guiar para um fim. Educa-se para a verdade, para o bem e para o belo (Landsheere, 1983) ou, ainda, como refere Nérici (1986, p. 13) educar é:

“O processo que visa explicitar as virtualidades do indivíduo, em contacto com a realidade, com o fim de levá-lo a atuar nessa mesma realidade, de maneira consciente, eficiente e responsável, tendo em vista atender a necessidades pessoais, sociais e transcendentais da criatura humana”.

Poderemos também dizer:

“A educação visa o desenvolvimento do homem simultaneamente nos planos, físico e intelectual, proporcionando-lhe uma cultura que lhe permita compreender o mundo em que vive e refletir sobre os problemas do seu tempo. Ao mesmo tempo que pretende o desenvolvimento das faculdades individuais do futuro cidadão” (Proença, 1999, p. 37).

Assim, e segundo Castilheiro (1985), segundo a qual a educação é o processo de integração pessoal na cultura, que permite projetar e realizar a vida mais claramente dentro da comunidade e com espírito criativo. É um processo pessoal de construção num contexto sociocultural.

O conceito de educação e a quem esta era entregue ou, se quisermos, o dever de ensinar nem sempre foi o mesmo. Ao longo do tempo o conceito teve várias interpretações e

definições, bem como intérpretes e intervenientes diferentes. Barroso, citado por Fernandes (2005,p.17), aponta esse facto, referindo que “no seu início, a Educação e o acto de ensinar era um encargo quase exclusivo da família, sendo no seio desta que as crianças eram ensinadas de forma individual”. Nas primeiras escolas, o professor ensinava de modo individual, sendo que cada criança recebia a sua lição, saindo da escola quando o professor julgasse ter a preparação suficiente, não havendo regulação nem orientação superior. A organização da escola era fluida, em sistemas de coordenação entre os seus elementos, sem especialização de funções, sem compartimentações rígidas, quer de alunos, quer de matérias, quer de espaço, quer de tempo. É a partir do século XIX que a organização pedagógica da escola evoluiu para uma organização complexa, compartimentada em classes estanques, com uma estrutura pluricelular que exigia que os seus elementos estivessem fortemente acoplados (entre si e com os objetivos finais), com o fim de garantir a concentração de planos de estudos, a continuidade na progressão dos alunos e a unidade da ação educativa. As escolas eram obrigadas a ensinar a muitos como se fosse um só.

Com o emergir do construtivismo, começou a falar-se de aprender a aprender, ou seja, no valor das aprendizagens significativas (Ausubel, 1980).

Os pilares da educação (Delors, 1996) explicitam as áreas fundamentais de investimento do aluno: Aprender a conhecer - Instrumentos da compreensão; Aprender a fazer - Agir sobre o meio; Aprender a viver junto - Participar e cooperar; Aprender a ser.

Falar de educação é, antes de mais, evocar uma instituição social, um sistema. A educação, enquanto instituição, possui as suas estruturas, as suas regras de funcionamento. É importante ver a educação como resultado de uma ação exercida de uma pessoa sobre outra. O terceiro sentido da palavra educação refere-se ao próprio processo que liga de uma maneira prevista ou imprevista, dois ou mais seres humanos e os coloca em comunicação, em situação de troca e em modificações recíprocas.

A educação tradicional refere que o homem quando nasce já traz a sua essência, já nasce com a sua humanidade (Perrenoud, 1978). Os valores são inalteráveis, baseiam-se em verdades universais e baseiam-se para sempre, para todos os homens, em todos os tempos e em todos os espaços.

A escola tinha como funções preparar os alunos para se integrarem na sociedade, difundir e reproduzir comportamentos. O professor tinha a autoridade máxima. Tinha a atividade exclusiva e trabalhava a matéria passiva, que é o aluno, ou quando muito, este adaptava-se às necessidades do professor. Era a educação magistrocêntrica, como afirma Gameiro (1998).

Nesta lógica, a questão chave sobre as finalidades da escola não se limita à sua identificação na proposta curricular oficial, mas sim, ao dilema, irresolúvel para a escola, entre educação versus socialização, isto é, entre determinar se educamos para a integração livre e responsável na sociedade ou para a integração submissa e disciplinada no mundo do trabalho assalariado (Pérez Gómez, 1992).

Mas não é a escola tradicional que pretendemos. Mas sim uma educação nova, onde a criança age, é o centro das atenções e o professor adapta-se às suas necessidades, ao seu ritmo de desenvolvimento. É a educação puerocêntrica (Gameiro, 1998).

O conceito de educabilidade, ou seja, o poder ou não educar-se ou ser educado, que nos conduz a uma bidimensionalidade, remete, à partida, para as ideias de plasticidade e de maneabilidade. Plasticidade no sentido em que o cérebro é suscetível a diferentes respostas e a maleabilidade pela adaptação do Homem a novas situações. Ou seja, a plasticidade é a apetência ou predisposição intencional para a educação e a maleabilidade é a que pressupõe uma educação, que aparece como resposta a uma necessidade decorrente do carácter incompleto do homem enquanto ser natural.

A educação e a hetero educação é um processo extrínseco, ou seja, é um processo de transmissão de fora para dentro e, simultaneamente é autoeducação (é um processo intrínseco à própria pessoa e está relacionado com as suas necessidades e com a sua necessidade de desenvolvimento e enriquecimento pessoal).

O fim da educação é o homem educado e este tem necessidade de educação para concretizar a sua liberdade e se instituir como ser moral.

Assim, educar hoje é, certamente, mais do que nunca, fornecer a cada criança/jovem/adulto os instrumentos necessários para um desenvolvimento de todo o seu potencial, numa liberdade consciente e responsável. Sacristán acompanha a nossa

visão, pois para ele “a educação hoje continua sendo entendida, primeiro, como um instrumento de liberdade e autonomia e, em segundo lugar, como construção da personalidade e das capacidades através da assimilação da cultura. A educação prepara o homem para a participação no mundo, no sentido em que fornece a cultura de que esse mundo se compõe”.

Esta ideia sobre o que é educar remete-nos para uma definição de educação muito simples, mas ao mesmo tempo extremamente coerente, abordada por Morgado (2005):

“A Educação é a base da igualdade de oportunidades, da autonomia individual responsável, da realização social, da cidadania activa, da estratégia de desenvolvimento assente na qualificação dos recursos humanos, da investigação e desenvolvimento, do progresso endógeno, da inovação, do desenvolvimento sustentado, sem esquecer a educação inclusiva e a educação ao longo da vida.”

Concluindo, e citando Kant (1985, p.75) “O homem não se pode tornar homem a não ser pela educação. Ele não é senão, o que a educação faz dele”.

2. O CONCEITO DE FAMÍLIA

“A Família é o elemento fundamental da sociedade e tem a responsabilidade primária pela protecção, crescimento e desenvolvimento das crianças”

UNICEF, 2002

A abordagem da temática – família – tem vindo a ser estudada ao longo dos anos numa vertente sociológica e psicológica. Estas correntes de investigação contribuíram para a compreensão do conceito de família.

O conceito de família ao ser analisado sobre várias perspetivas pode dificultar a sua sistematização. Esta realidade é próxima de cada um e de todos, mas como entidade de investigação é de facto uma realidade complexa.

“ A Família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo dos indivíduos isolados (...) A simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade relacional desta estrutura” Gameiro, (1992) citado por Relvas (2006)

A Família é definida de diferentes formas pelos vários autores. Alarcão (2002, p.39), diz que a família é “um sistema, um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados”.

“A família é um grupo irredutível aos outros grupos” (Cazeneuve & Victoroff, 1975,p. 302), sendo vista como a célula vital da sociedade em que vivemos, é simultaneamente indispensável e insubstituível.

Almeida (1987, p. 45) apresenta-nos uma definição de família em que esta é considerada “(...) a primeira célula social que eles (os jovens) encontram ao nascer e que vai modelar o seu futuro, ao preservar e transmitir-lhes os valores culturais e tradicionais.”

Para Sprinthall e Collins (1994, p. 296), “a família determina as nossas primeiras relações sociais, assim como os contextos onde ocorrem a maior parte das aprendizagens iniciais que efetuamos, acerca das pessoas, situações e capacidades individuais.”

Cormamary (1980, p. 12) refere que a “A família é o lugar onde a criança faz aprendizagem das relações, primeiro bipolares com a mãe, depois triangulares com o pai. Finalmente multipolares com os irmãos e irmãs (...) É essencialmente à volta dos pais que se estabelecem as relações intra-familiares; Os problemas surgem ao mesmo tempo da relação pai/mãe e das relações destes com os filhos (...)”.

Ou ainda, segundo Birou (1982, p. 160) “(...) o termo família pode designar o conjunto dos ascendentes, descendentes, colaterais e parentais da mesma linhagem ou a

comunidade dos cônjuges e dos filhos que constituem a primeira célula ou unidade da vida social e natural”.

Enfatizando a dimensão holística, a família pode ser vista como:

“Um sistema de interação que supera e articula dentro dela sistemas, e que é essencial a exploração das relações interpessoais e das normais que regulam a vida dos grupos significativos a que o indivíduo pertence, para uma compreensão do comportamento dos membros e para a formulação de intervenções eficazes” (Adolfi, 1981, citado por Alarcão, 2002, p. 40).

A Família é a estrutura de relações humanas responsável pela formação e pela mudança de valores. Família é, para além de um grupo primário, uma comunidade em que as relações são espontâneas e profundas, formando uma comunidade cheia de coesão, onde as pessoas estão cimentadas no amor e nas suas múltiplas expressões recíprocas, tendências instintivas, afetos, sentimentos de mútua ajuda, necessidade de apoio, gratidão e respeito. Sameroff e Candler, citado por Antunes (1998, p. 43) reforçam que “o desenvolvimento da criança é o produto de um continuum de interações dinâmicas da criança com experiência possibilitada pela sua família e pelo seu contexto social (modelo transacional).”

Esta instituição familiar é a primeira comunidade onde a criança se encontra inserida. Nos primeiros anos de vida, as relações sociais que a criança estabelece reduzem-se essencialmente aos laços afetivos que as crianças têm com os pais, irmãos e com todas as pessoas mais próximas da família. A influência familiar não se reduz aos primeiros anos de vida, prosseguindo durante o ciclo de vida.

Quando falamos em socialização primária, referimo-nos obviamente às primeiras relações sociais que as crianças vão estabelecendo com o meio que as rodeia, inicialmente com a família e posteriormente com os vizinhos, amigos, entre outros.

Hoz (1996, p. 2) é bastante elucidativo ao dizer:

“A família não se constitui apenas para que nela nasçam os filhos, mas para que também nela se alcance o seu desenvolvimento, tanto no plano biológico, desenvolvimento do corpo, criação, como no plano espiritual, desenvolvimento

do espírito, educação. A família é o primeiro espaço da vida humana e da educação.”

A preocupação centrada nos contextos onde a criança está inserida e conseqüentemente a conceptualização da família como sistema que se relaciona de forma recíproca e dinâmica teve a sua origem nas perspectivas de Bronfenbrenner (1975) e de Hobs et al. (1984) sobre os sistemas ecológico e social. Estes contributos incentivaram o interesse no conhecimento da família, compreende-se assim, que cada família enquanto sistema é um todo mas também é uma parte de outros sistemas, integrada em contextos mais vastos como: A comunidade e a sociedade. Por outro lado a família é constituída por várias unidades sendo cada indivíduo que a constitui uma unidade da totalidade existente no grupo familiar.

Compreende-se assim, que a família considerada como um todo, incluindo os elementos que a compõem é definitivamente única.

Na realidade e sob a perspectiva sistémica podemos verificar que cada indivíduo desenvolve ao longo da sua vida um sentido de pertença aquando em relação com outros. A família poderá ser considerada como o grupo de indivíduos que vivem em relação, e que contribuem para o desenvolvimento de todos e de cada um em particular, o que é essencial para a construção de dois aspetos: o de sentido de pertença e o de identidade.

Numa ótica holística, constata-se que a família é uma globalidade, um todo, mas que tem características próprias o que a torna diferente das outras, e amplia a sua singularidade.

Considerando a família como um elemento nuclear das sociedades, é o subsistema mais marcante para o desenvolvimento humano, o condutor de transmissão e aprofundamento de princípios éticos, sociais, cívicos e educacionais. Apraz-nos afirmar que a família é o sistema onde o indivíduo se desenvolve como pessoa, convivendo e interrelacionando-se com outras gerações com quem cria laços de afeto, o que facilita o conhecimento de si e dos outros, incrementando um sentido de pertença e de identidade.

A plasticidade da família é sem dúvida um fator importante para as adaptações e os ajustamentos necessários face a uma sociedade em constante mutação. No entanto a família vê-se rapidamente obrigada a partilhar o seu papel com a escola, e com outros sistemas, como é o caso das grandes redes de comunicação (televisão, Internet, entre outros).

Contudo a família continua a ser a primeira e decisiva instituição de socialização da criança, e para isso é importante que seja um elemento ativo de mudança, para defender uma conceção dinâmica, atuante e responsável, não se demitindo do seu papel no desenvolvimento do ser humano.

“ (...) duas funções fundamentais ao ser humano continuam a ser preferencialmente realizadas pela família:

- a primeira reside em assegurar a continuidade do ser humano no sentido de a família ser uma comunidade que nasce, cresce, procria, decresce e morre, continuando-se ao longo das gerações transmitindo a vida;

- a segunda função que de certa forma decorre da primeira, consiste na articulação do indivíduo e a sociedade, conseguindo com equilíbrio o «estar bem consigo próprio» e o «estar bem com os outros», ou seja adequar a individuação (nas dimensões afetiva, cognitiva e comportamental) e socialização”. (Ribeiro et al. 1994 p.58)

2.1. MUDANÇAS NA ESTRUTURA DA FAMÍLIA

Quando conhecemos as alterações produzidas na sociedade global, é compreensível a mudança na família. O mundo contemporâneo é cenário de rápidas e profundas mudanças que atingem os domínios da economia, da ciência e tecnologia, das relações sociais, das representações dos valores e das normas, com uma dimensão cada vez mais global.

Destacando-se o período que decorre entre o início do século XX e a atualidade, podemos referir o processo de industrialização como o principal fator impulsionador das alterações que ocorreram no sistema familiar. Destacam-se três fenómenos que advieram do processo de industrialização:

1- A transição demográfica

2- A economia familiar

3- As alterações nas estruturas familiares.

Em Portugal depois de Revolução de Abril, em 1974, começaram a ser evidenciadas mudanças importantes na sociedade. A dispersão demográfica/social, baseada no desenvolvimento do urbanismo e nos fenómenos de mobilidade social, o que criou dificuldades nas possibilidades das famílias serem consideradas como redes sociais de apoio, visto as famílias alargadas – ditas tradicionais – darem lugar a núcleos familiares, isolados e dispersos (famílias nucleares).

A entrada maciça da mulher no mercado de trabalho foi outra alteração importante existente no sistema familiar, este acontecimento ocorreu por necessidade, em que todos tinham que contribuir para a economia familiar, acontecendo nos nossos dias por opção da mulher, interesses pessoais e de realização profissional.

Também após a Revolução de Abril a família sofreu alterações significativas na sua estrutura: Começaram a aparecer famílias nucleares (pai, mãe e filhos) com dimensões mais pequenas, o que gerou uma taxa de natalidade mais baixa e passaram a proliferar outros tipos de famílias (monoparentais, separadas, reconstruídas). Estas alterações embora tivessem os mesmos fundamentos, as dinâmicas e estruturas internas tornaram-se menos padronizadas.

As mudanças sociais e das estruturas familiares levaram à criação de espaços e de serviços de atendimento à criança foram de ordem assistencial – serviços de apoio para prestação de cuidados básicos, tomar conta de crianças enquanto as mães trabalham – que direta ou indiretamente acabaram por contribuir para uma maior visibilidade da criança e da sua educabilidade. Esta realidade foi contemporânea do desenvolvimento de áreas como a Saúde e as Ciências de Educação.

Posteriormente constatou-se a urgência de criar formas eficazes para responder às necessidades das famílias. No Parecer n.º 8/2008 do Conselho Nacional de Educação é referido:

“Tendo em consideração as características da sociedade portuguesa, nomeadamente a situação laboral das famílias, a oferta educativa para a faixa etária dos 0 aos 3 anos assume-se como decisiva para o desenvolvimento das crianças, [...]”

Conforme o mesmo Parecer é ainda salientado que: “ No que diz respeito à educação dos 0 aos 3 anos de idade, existe a necessidade, de promover a intencionalidade educativa, bem como avaliar e melhorar a qualidade dos recursos existentes.” Aqui, o papel das creches é fundamental porque permite uma conformidade entre a vida familiar e profissional proporcionando à criança um meio de socialização e de desenvolvimento integral, baseado num projeto pedagógico adequado à sua idade e potenciador do seu desenvolvimento, respeitando sua singularidade.

3. FINALIDADE DOS SERVIÇOS DE ATENDIMENTO À INFÂNCIA

A difusão de novas ideias pedagógicas a partir de Rosseau, Pestalozzi, Dewey e outros, contribuiu para uma nova concepção sobre a infância. Compreender a intervenção junto das crianças para potenciar o seu desenvolvimento e a sua inserção social de forma equilibrada.

Em Portugal, com Veiga Simão (1974-1975), são criadas as condições propiciadoras da emergência de novas representações sobre a infância, a criação de jardins de infância pertencentes à rede pública, investimento na formação de educadores de infância, a construção de estatutos de funcionamento dos jardins de infância com objetivos de ordem pedagógica e a própria atividade dos educadores de infância junto à comunidade. Foram fatores importantes para a mudança das representações sociais existentes sobre a infância – propósito meramente assistencial –.

Era recorrente a existência de creches meramente para apoio assistencial como comprova Bairrão e Vasconcelos que chegam mesmo a afirmar que até 1966.

“ A maioria dos centros existentes para crianças com menos de seis anos de idade não tinha objetivos educacionais, preocupando-se essencialmente com os cuidados e as necessidades mais básicas das crianças” (1997, p.10).

A valorização das aplicações práticas das teorias da psicologia do desenvolvimento, ao longo dos anos, e a crença na importância fundamental dos primeiros anos no

desenvolvimento futuro de competências sociais, emocionais e intelectuais, constituíram um suporte teórico alargado para a importância da creche no desenvolvimento humano.

Começou então a considerar-se a creche como uma resposta social, desenvolvida em equipamentos, que se destina a acolher crianças de idades compreendidas entre os três meses e os três anos, durante o período diário que corresponde ao período de trabalho dos pais. Devendo existir uma articulação entre as famílias e os serviços educativos, com o objetivo de criar e garantir condições às famílias de conciliação entre os compromissos laborais e o acompanhamento dos seus filhos.

Formosinho (2009, p.4) salienta “ (...) a necessidade absoluta de alargar a provisão de serviços para, simultaneamente promover o direito da criança à educação e o direito da mulher ao trabalho.”

Deste modo em Portugal, o enquadramento do serviço de creches é qualificado pelo Ministério do Trabalho Solidariedade e Segurança Social (MTSSS), como uma resposta social, desenvolvida em equipamento, de natureza socioeducativa, para acolher crianças até aos três anos de idade, durante o período diário correspondente ao impedimento dos pais ou da pessoa que tem em sua guarda a criança, vocacionado para o apoio à criança e à família (Despacho Normativo n.º 99/89, de 27 de Outubro).

Tendo em conta que esta resposta social não é contemplada na Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), o MTSSS define os seguintes objetivos para não deixar de parte as crianças com idade até aos três anos. Assim, as creches devem:

- “Proporcionar o atendimento individualizado da criança num clima de segurança afectiva e física que contribua para o seu desenvolvimento global;
- Colaborar estreitamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo de cada criança;

- Colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, encaminhando adequadamente as situações detectadas.” (Despacho Normativo n.º 99/89, de 27 de Outubro).

Falk (1979, p.117, citado por Post & Hohmann, 2003) refere que numa creche “um sistema estável de relações é um pré-requisito... para a capacidade de assimilar o padrão social de valores aceites, normas, regras de comportamento, conjunto de proibições, através da imitação, assimilação e identificação” (p.63).

A creche deve promover situações de estimulação que possibilitem à criança a oportunidade de brincar, jogar, sentir, descobrir e aprender através da sua atividade pessoal, para além de satisfazer as suas necessidades básicas impulsionadoras de bem-estar, para que tal aconteça as interações na creche são extremamente importantes, pois é através destas que ocorre o desenvolvimento na criança (Post & Hohmann, 2003).

Partindo deste pressuposto emergiu a legislação dos objetivos da creche:

- “a) Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar;
- b) Colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança;
- c) Assegurar um atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas de cada criança;
- d) Prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado;
- e) Proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afetiva;
- f) Promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade.

O Artigo 5.º deste documento reporta atividades e serviços.

A creche presta um conjunto de atividades e serviços, designadamente:

- a) Cuidados adequados à satisfação das necessidades da criança;
- b) Nutrição e alimentação adequada, qualitativa e quantitativamente, à idade da criança, sem prejuízo de dietas especiais em caso de prescrição médica;
- c) Cuidados de higiene pessoal;
- d) Atendimento individualizado, de acordo com as capacidades e competências das crianças;
- e) Atividades pedagógicas, lúdicas e de motricidade, em função da idade e necessidades específicas das crianças;
- f) Disponibilização de informação, à família, sobre o funcionamento da creche e desenvolvimento da criança”. Diário da República, 1.ª série — N.º 167 — 31 de Agosto de 2011

É de salientar que a preocupação existente em relação à pouca oferta dos serviços destinados à primeira infância não deve ser impeditiva ao melhoramento da qualidade nos serviços existentes.

A qualidade da prestação de serviços dispensados a crianças de primeira infância deve responder aos requisitos necessários, com técnicos especializados na área de educação de infância, materiais pedagógicos adequados e recursos de avaliação ajustados ao desenvolvimento da criança e às necessidades das famílias.

Como reforça Moniz (2011,p.19):

“A creche deverá assumir-se, cada vez mais como promotora do desenvolvimento do conhecimento e das competências das crianças, proporcionando experiências e atividades realizadas com um propósito, com um objetivo e com uma intencionalidade educativa, sempre tendo em conta a individualidade e a fase de desenvolvimento de cada criança!”

Assim, a qualidade em creche, segundo Portugal (2011,p.49)

“ (...) requer conhecimentos específicos, competências e uma planificação apropriada, sustentada no conhecimento do desenvolvimento nos primeiros anos de vida e envolvendo muita flexibilidade para responder às necessidades da cada criança e família.”

Sendo as creches os principais agentes de dinamização e promoção das respostas sociais de atendimento de crianças até aos 3 anos no nosso país. Devem, por isso, assegurar a todos os cidadãos o acesso a serviços de qualidade com vista à satisfação das necessidades das crianças e correspondendo às expectativas das respetivas famílias (Manual do Sistema da Gestão da Qualidade da Creche, 2005; Portaria 262/2011).

Pode constatar-se que a regulamentação, legislação e criação de documentos normativos para a creche está intimamente relacionada com a melhoria permanente da qualidade dos serviços prestados, sendo por isso fundamental que a creche aumente a sua resposta social através da sua expansão nacional para crianças até aos três anos de idade (meta de 33% até 2010 estabelecida na Carta de Barcelona, 2002).

Relativamente aos profissionais de educação, Vasconcelos (2011, p.28) apresenta-os como um dos principais critérios de qualidade em creche, onde a qualidade das relações entre crianças, educadores de infância e família tem um peso muito relevante.

Na mesma linha, Portugal (2011, p.49) refere que “A investigação indica que é a natureza e a qualidade das interações (entre o bebé e o educador, entre os profissionais da creche e entre os profissionais e as famílias) que distingue os programas de elevada qualidade; (...)”

3.1. O PAPEL DO EDUCADOR NA CRECHE

Segundo Portugal (2000) os profissionais que trabalham com crianças muito pequenas necessitam de qualidades muito especiais, bem como de conhecimentos e formação adequada de modo a contribuir para a vivência diversificada de experiências, que promovam a aprendizagem e conseqüentemente o desenvolvimento da criança.

É importante que o educador detenha conhecimentos sobre o comportamento e desenvolvimento das crianças, de modo a proporcionar-lhes um bem-estar físico e emocional, bem como, deve ser capaz de compreender e reconhecer as diferentes

necessidades e promover a exploração de atividades, respeitando a curiosidade natural das crianças (Portugal, 2000)

O educador de infância é o profissional responsável pela organização de atividades educativas, quer a nível individual quer de grupo, tendo em conta a promoção do desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social de criança dos 0 aos 6 anos de idade. Em Portugal esta é uma profissão exercida quase em exclusividade por mulheres, o que permite às educadoras de infância transmitirem aos seus educandos o modelo feminino: o cuidar, o tratar e o ensinar.

O Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, define o perfil do educador de infância, quando menciona que o educador “ (...) concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” E, ainda, que “ (...) mobiliza o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão e da comunicação e do conhecimento do mundo.”

É de salientar que estas competências são vocacionadas à educação pré-escolar. No entanto, é provável que o educador de infância, na valência de creche, siga, ou pelo menos, oriente a sua prática com base neste decreto.

Na realidade, existe uma lacuna entre os educadores de infância que trabalham no pré-escolar e os que trabalham na creche, devido à formação específica em primeira infância ser ainda pouca. Este facto é referido pelo Ministério da Educação (2000, p.196), “Nota-se a falta de formação específica para os que trabalham com as crianças dos 0 aos 3 anos de idade (...)”, embora o mesmo estudo saliente que os conteúdos das escolas de formação “ (...) incluem sempre disciplinas relacionadas com o desenvolvimento da criança.”

Apesar do que foi referido na citação anterior Formosinho afirma (2011, p.78) “Em Portugal, a formação inicial de educadores para trabalhar em creche é muito limitada: a um módulo, a uma ou duas visitas a creches para fazer observação e revela muito pouca especificidade”.

Nesta linha de pensamento, Vasconcelos (2011, p.30) refere que se deve apostar na melhoria da qualidade da formação dos educadores de infância, que os prepare “(...) para desenvolverem trabalho pedagógico quer em creche quer em jardim-de-infância.”

A falha de profissionalização dos educadores de infância, reconhecido por diversos autores, deve-se em muito a não existir articulação entre o Ministério da Educação e Ciência, e o Ministério do Trabalho Segurança e Solidariedade Social. Uma vez que ao MEC compete tutelar o Pré – Escolar e ao M.T.S.S.S tutelar a valência de Creche.

Santos (2011) afirma:

“Julgamos por isso necessário e desejável que o Ministério da Educação e o Ministério da Segurança Social possam encontrar um entendimento e uma prática que favoreça o acesso universal e que consubstancie a docência em Creche e a respectiva dignificação e qualificação dos educadores que trabalham nesse contexto.” (p.38)

Do ponto de vista de Roldão (2008) é importante formar educadores cada vez mais competentes e “capazes de ensinar”. O papel do educador de infância assume uma específica importância educativa tendo em conta as alterações sociais, que levam a família e a comunidade a esperar das instituições educativas e, em particular dos educadores, o desempenho de diversas funções.

Num seminário sobre creches em 1984, enunciou-se que o perfil de educador nesta valência deveria ser alguém apto a criar um ambiente estimulante, capaz de “Conceber, integrar e realizar programas destinados à ação direta com as crianças” e competente no sentido de “Organizar, construir, escolher material pedagógico, mobiliário e equipamento, em geral.” E, ainda, que compete ao educador que convive com a criança diariamente, uma capacidade de “Observação, registo, avaliação e interpretação dos comportamentos das crianças.” (p.69)

No seguimento deste pensamento, Portugal (2011, p.49) realça que os educadores em creche devem ser “ (...) sensíveis e calorosos, estimulantes e promotores da autonomia,

com formação específica sobre o desenvolvimento e características da criança muito pequena, (...).”

Figueira (1998, p.69) declara que o trabalho do educador na creche é “ (...) complexo e desafiante.” Pois é necessário “ (...) criar laços com cada criança.”, Acrescentando que a presença do adulto “ (...) deve ser calorosa mas discreta, assegurando uma atitude comunicante e participante, sem intervir mais do que o necessário.”

Tal como refere Barbosa (2001) que é importante que os:

“ (...) educadores percebam que na Creche é fundamental saber esperar pelas manifestações do bebé, escutá-lo para o seguir com atenção, estabelecer e saber manter contacto ocular tendo a preocupação de agir com os cinco sentidos, ajudando, também aqui, a criança a desenvolver-se saudavelmente. (p.113).”

Também, Portugal (1998, p.198) defende que se o ambiente for bom para a criança, este também o é para o adulto que trabalha com ela. Sustenta ainda que “O educador deve ser alguém que permite o desenvolvimento de relações de confiança e de prazer através de atenção, gestos, palavras e atitudes.” Devendo estabelecer “ (...) limites claros e seguros que permitam à criança sentir-se protegida de decisões e escolhas para as quais ela ainda não tem suficiente maturidade, mas que ao mesmo tempo permitam o desenvolvimento da autonomia e autoconfiança sempre que possível.” A mesma autora expõe que o educador “Deve ser alguém verbalmente estimulante, com capacidade de empatia e de responsividade, promovendo a linguagem da criança através de interações recíprocas e o seu desenvolvimento sócio emocional.” (p.198)

O educador não pode nunca esquecer-se que quando transmite alguma informação à criança que esta apropria-se dela como verdadeira.

Para além disso, o próprio educador deve estar consciente da sua atitude para com as suas crianças, criando relações afetivas e carinhosas.

Portugal (2011) destaca:

“Adultos conhecedores, sensíveis, competentes e implicados na criação e sustentação de relações interpessoais de qualidade, bem como de espaços

estimulantes, responsivos, confortáveis e promotores de autonomia, em contextos de atendimento coletivo de crianças muito pequenas, são um imperativo em qualquer contexto “creche” que se pautar por um trabalho de elevada qualidade.” (p.58)

Atualmente, o Manual de Processos – Chave Creche da Segurança Social (2005, p.2), refere a necessidade do educador de infância: “Ter em consideração o superior interesse da criança (...)”, nomeadamente quando planifica as atividades, na relação de parceria que estabelece com a família devendo esta ser de grande confiança.

Em continuidade, o mesmo manual refere que o educador deve proporcionar “ (...) relações afetivas calorosas e recíprocas entre a criança e o adulto responsável por ela.”, deve “ (...) promover um ambiente que facilite a brincadeira, a interação, a exploração, a criatividade e a resolução de problemas por parte das crianças.”, e ainda, “Criar um ambiente flexível (...), promovendo o acesso a um leque de oportunidades de escolhas que lhe permita crescer confiante e com iniciativa.”, como “Estabelecer relações que encorajem a criança a participar de forma ativa”, “Estabelecer uma rotina diária consistente (...)” e, por fim, “Dinamizar oportunidades para que a criança possa comunicar os seus sentimentos e pensamentos.” (p.2-3).

Para além disso o educador de infância é responsável por elaborar o Projeto Pedagógico, projeto este dividido em Plano de Atividades Sociopedagógicas e em Plano de Formação/Informação.

No Projeto Pedagógico, o educador planifica “ (...) o conjunto de atividades a realizar por cada grupo de crianças pertencentes a uma sala (...)”, tendo em atenção o desenvolvimento individual de cada uma, “ (...) enquanto atividade revestida de intencionalidade educativa, em torno da qual a criança processa as suas aprendizagens e estrutura o seu desenvolvimento.” (pp.25-26)

Em suma, o educador de infância é considerado como um elemento fundamental na vida de uma creche. Para além de ter conhecimentos sobre as características e competências a desenvolver em cada criança é imprescindível que saiba relacionar-se com cada criança e com o grupo.

Com isto queremos dizer que existem alguns fatores que interferem na relação adulto/criança e que influenciam o desenvolvimento da criança.

Bowlby (1969) entende por comportamento de vinculação, todo o comportamento do recém-nascido que tem como resultado e como função criar e manter a proximidade ou o contacto com a mãe ou a pessoa que a substitua. Trata-se de manifestações inatas tais como o choro, o sorriso, a sucção, o apego, o balbucio, etc. A vinculação não envolve apenas comportamentos mas, também, componentes cognitivos e emocionais que o bebé vai construindo progressivamente. A criança vai tendo um conjunto de conhecimentos e expectativas sobre o modo como essas figuras (mãe ou pessoa que a substitua) atuam e respondem aos seus pedidos de ajuda e de proteção. Assim quando se tem confiança na figura da vinculação há menos tendência para sentir medo; (Bowlby, 1973).

Deste modo, é essencial que exista uma boa vinculação entre a criança e o adulto para que a criança sinta que pode interagir e explorar o meio que a rodeia de forma segura, o que favorece o seu desenvolvimento. A segurança sentida pela criança advém dos afetos providos pelo adulto o que lhe permite explorar o que a rodeia e relacionar-se com outros.

Tendo em conta este aspeto, considera-se que são as primeiras vinculações, na família, que vão ajudar a criança a sentir-se segura perante o meio, levando-a a explorá-lo, a aceitar estímulos e a estabelecer vínculos que vão para além da família. Com tudo o que foi dito pretende-se que o adulto transmita sentimentos positivos, através do toque, de um sorriso, de um olhar, que comuniquem segurança influenciando assim, futuramente, a forma como vai interagir com outras pessoas na sociedade.

Como refere Gomes – Pedro a comunicação é “ (...) o estabelecimento de um contacto, um transmitir algo, que pode ser feito através de vários canais.” (1987, p.6).

A qualidade da vinculação é tão importante que destas dependem até a forma como as capacidades intelectuais do bebé evoluem, “É nestas vertentes que desde muito cedo se desenvolvem modelos de relação que vão ser a base futura para a criança funcionar consigo própria e com os outros que a rodeiam” (Strecht, 1996, p. 32)

Daí, a importância dada ao Educador, como Vygotsky, salienta quando aborda a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), descrevendo que a diferença entre o nível de desenvolvimento real da criança e o seu nível de desenvolvimento potencial depende de adultos mais experientes ou de colegas mais competentes.

Resumindo, o educador de infância é um elemento fundamental na vida de uma creche, porque tem competências para estimular o desenvolvimento das crianças, alcançando-o através da construção de comportamentos de vinculação seguros.

3.2. RELAÇÃO FAMÍLIA/ CRECHE

A participação dos pais é uma variável moderadora da qualidade da creche, não apenas, como recetores de informação ou participantes nas atividades promovidas pela escola, mas também na sua implicação na tomada de decisão e no planeamento autónomo de atividades. Não obstante, estudos realizados em Portugal indicam que os educadores assinalam o estabelecimento da relação com os pais como uma área de dificuldade no exercício da sua profissão (Barros, 2010).

Segundo o Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano, o sujeito é o centro de círculos (sistemas) concêntricos que o afetam progressivamente de forma mais direta: macrossistema, exossistema, mesossistema e microsistema, respetivamente (Machado, 2007). Para Bronfenbrenner (citado por Fine, 1998, pg. 481)

“Each child is a member of an immediate family that itself reflects a unique configuration of a structure and relationships. The family, in turn, is embedded in its own cultural and social history.”

A relação entre a escola e a família põe a questão da relação entre culturas, a cultura da escola e a cultura das famílias, designadamente das famílias pertencentes a diferentes grupos sociais e da continuidade ou descontinuidade cultural existente. Significa ainda perceber qual a lógica de funcionamento da escola e como esta lógica interna se articula com as características da sociedade em que se insere, tendo presente que a escola pode contribuir para a construção de uma sociedade mais democrática ou ser veículo de reprodução social e cultural.

A maneira como começou a ser reconhecida a infância e posteriormente o facto de as mães trabalharem fora de casa ajudou a que as famílias desse importância `educação das crianças.

Historicamente, até aos anos 60 a relação família/creche esteve “*adormecida*” pois cada uma tinha papéis muito distintos, cabendo à creche ter um carácter puramente assistencial.

Os pais não intervinham no mundo escolar e conseqüentemente também não eram reconhecidos como parceiros da creche. As mudanças de mentalidades permitiram a evolução relação entre família e creche

Começou pela evolução da ideia de criança, a nível instrumental e a nível afetivo. Esta evolução ocorreu com acesso, por parte das famílias, a edições publicadas por vários especialistas em assuntos de crianças.

À medida que a população é instruída sobre a educação das crianças, leva a que cada vez mais, os pais pensem que têm palavra a dizer sobre o método educativo.

“A interação escola-família é, como todas as relações uma relação de poder Uma relação de poder numa teia urdida por uma pluralidade de atores sociais. O poder, já o vimos, é desigual, mas nunca absoluto nem unidirecional. As crianças não estão (totalmente) indefesas. Apesar disso, elas representam nesta teia, de alguma forma, o elo mais fraco da cadeia” (Silva, 2003, p.293).

A aproximação entre a creche e a família, nem sempre é fácil. Há algumas dificuldades no que diz respeito à progressiva invasão de territórios, isto é, o mundo profissional dos educadores/professores pode sentir-se ameaçado quando os pais tentam influenciar a escolaridade dos filhos e o círculo familiar pode sentir-se invadido, sempre que os educadores/professores dizem aos pais como podem apoiar melhor os seus filhos.

Acontece alguns pais terem receio em questionar determinada educador/ professor sobre assuntos que envolvem o seu educando “com medo de prejudicar a criança”.

Isto, por si só, significa que a relação entre encarregados de educação e docentes estruturalmente desigual.

Muitos educadores parecem duvidar das vantagens do envolvimento das famílias na vida escolar e colocam forte resistência a esse intercâmbio, enquanto outros reconhecem as vantagens duma colaboração com as famílias, embora receiem que a participação dos pais lhes possa retirar poder ou que sirva para controlar/fiscalizar o seu trabalho.

Segundo Marques a participação das famílias implica a partilha de poder “desacordo surge quando se avança para níveis de envolvimento mais participativo como... tomada de decisões escolares e na partilha do poder deliberativo na escola” (1989, p. 55).

Os pais sentem-se muitas vezes intimidados pelos educadores/ professores e os educadores/professores incomodados pelos pais e isto acontece por falta de comunicação e entendimento entre as partes.

Atualmente, o M.T.S.S.S, que tutela as creches, fomenta uma maior abertura entre os pais e as mesmas. Em Dezembro de 2005 a divulgação dos documentos “Manual de Processos-Chave da Creche” e “ Modelo de Avaliação da Qualidade da Creche” pelo Instituto da Segurança Social no âmbito do Sistema de Gestão da Qualidade constituíram um enorme avanço no caminho da qualificação desta resposta social. Segundo estes documentos as creches devem garantir às famílias o acesso a serviços de qualidade, orientados para a satisfação das necessidades das crianças, tendo por base as necessidades e expetativas das respetivas famílias (Instituto da Segurança Social, 2005).

Tal abertura tem assumido formas diversas que vão desde a multiplicação de contactos entre a família e a creche através das informações orais e escritas (caderno vaivém¹) (Perrenoud, 1995) à participação em atividades.

Embora muitos pais já o façam, por motivações ideológicas, ou de afirmação pessoal, outros, que são pais de difícil acesso, pois não colaboram ou estão prioritariamente ausentes, devido às características socioeconómicas, culturais, familiares, étnicas, linguísticas ou outras, ficam definitivamente fora desta relação por se sentirem conformados com a situação e assistem passivamente às decisões que se tomam relativamente à vida escolar dos seus filhos e pouco ou nada fazem para se integrar onde, por direito, deviam estar inseridos.

De acordo com Sampaio, D. (1996, p.33),

“... homens e mulheres, na etapa média da vida, quase sempre muito ocupados profissionalmente, têm objetivamente pouco tempo para estar com os filhos, numa época que exigiria uma presença mais intensa.”.

Atualmente a criança passa grande parte do seu tempo na creche enquanto a família trabalha, o que implica, cada vez mais, a necessidade destas entidades uma relação próxima para fomentar a colaboração em prol do bem-estar da criança.

A relação família/creche parece encontrar-se, atualmente, submersa à vida urbana, porque as famílias têm-se demitido das suas funções educativas, para darem mais atenção aos afazeres quotidianos. Por um lado a creche tem servido como suporte para missões educativas que competem à família realizar. Embora haja, felizmente cada vez mais, um maior número de pais que tentam participar na vida escolar dos filhos (M. T. Estrela, 1993).

¹ Consiste num caderno que serve de instrumento facilitador da relação família/creche. O caderno está dividido em três secções: informativa, cooperativa, divulgativa.

Assim, é bom não esquecer que a família é o primeiro educador e modelador da criança e que esta educação assenta em padrões culturais e educacionais próprios tendo a creche, tem como premissa, dar continuidade à educação familiar, dando especial atenção à forma como a criança socializa e adquire conhecimentos que a poderão ajudar a viver em sociedade.

Atualmente a família não consegue educar sozinha, havendo certas aprendizagens para as quais necessita de apoio da creche e, daí, a importância de uma boa relação entre família/creche.

A participação dos pais nas creches permite desenvolver as seguintes funções: a de “informação” (estarem informados e acompanharem os seus filhos); a “participação” (em associações de pais, projetos educativo, atividades, organização e preparação de festas, passeios, na preparação e participação em atividades.); e a “formação” (preocuparem-se em aprofundar conhecimentos que os ajude globalmente a criança). Porque se trata de um direito que se lhes assiste como demonstra Marques (1988,p.33),

“Os pais são cidadãos, contribuintes e clientes ou, se preferir, consumidores” e como tal, “relacionam-se com as escolas em função da defesa dos seus interesses e das necessidades dos seus filhos.”

Turnbull e coll. (1986) citados por Miranda e Serrano. (2000, p.19) propuseram um enquadramento teórico com quatro componentes essenciais: Recursos familiares (elementos descritivos da família); interação familiar (interações que ocorrem diária e semanalmente entre os subgrupos dos elementos da família); funções da família (necessidades associadas com as diversas funções familiares); O ciclo de vida da família (Mudanças desenvolvimentais e não desenvolvimentais que alteram os recursos, as interações e a funções familiares). Para estes autores, os profissionais que trabalham com a família (incluindo a criança) devem ter a compreensão clara destas componentes.

Os pais das crianças em creche quando apoiados nas respostas às necessidades da família como um todo proporcionam o bem-estar a outros membros da família.

As perspetivas sistémicas e ecológicas da família contribuíram para um maior respeito para com a criança e respetiva família.

Assim, à creche compete dar o primeiro passo no processo de comunicação com a família, bem como com a comunidade. Esta comunicação deverá fazer-se num sentido bilateral, sendo fundamental que os professores sintam necessidade de “ouvirem os pais e partilharem com eles algum poder de decisão” (Marques, 1993, p.28).

A construção de laços é concebida enquanto tarefa central do educador num clima de respeito pelas especificidades de cada contexto familiar, visando o conhecimento mútuo e perspetivando a colaboração com as famílias.

“A construção de uma relação de abertura e confiança estende-se aos pais, assumida enquanto elemento facilitador da emergência de perceções e expectativas positivas acerca do ambiente educativo, de diminuição de ansiedade e de compreensão de que têm lugar no centro. (Formosinho & Oliveira-Formosinho, 2008 citados por Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013,p.68).

Outros estudos reforçam que a colaboração dos pais na escola é um fator determinante no desenvolvimento linguístico e cognitivo infantil a curto e a longo prazo (Henderson & Mapp, 2002; Reynolds, 1994). O bom relacionamento entre educadores e pais favorece a integração da criança na escola, beneficia as representações dos educadores e aumenta autoestima e satisfação das crianças (e.g., Sanders, Epstein & Connors-Tadros, 1999; Van Voorhis & Steven, 2004).

As creches poderão, ainda, contribuir para uma melhor relação com as famílias ajudando as que não possuem os meios e conhecimentos para promoverem o desenvolvimento global da criança ao recorrerem às reuniões de pais ou qualquer outro tipo de formação de pais.

As creches podem solicitar às famílias, respeitando a capacidade de cada membro, a participação na melhoria das condições físicas ou materiais das salas e de outros espaços.

Reforçamos assim a ideia de que o ambiente escolar deve ser uma instituição que complementa o ambiente familiar da criança. Sublinhando que pais e escola trabalham juntos em prol dos benefícios da criança, não haverá, senão vantagens para a criança se esta interação for bem-sucedida, e conseqüentemente os objetivos dos educadores e da

família serão atingidos. Homem (2000) afirma que esta pedagogia interativa privilegia um desenvolvimento e um percurso de vida mais integrados que promovem momentos de aprendizagem.

Nas palavras de Marques (2001, p.30) “colaborar significa comunicar com o objetivo de ajudar a resolver problemas ou intensificar e melhorar uma relação.” Quando estão presentes aspetos como a comunicação e, conseqüentemente, o conhecimento do bem comum, assim como o reconhecimento da sua importância, o educador não tem dificuldades em contar com a participação dos pais.

CAPÍTULO 2

1. METODOLOGIA DO ESTUDO

Neste capítulo pretendemos apresentar, fundamentar e descrever de forma narrativa a metodologia adotada durante a realização deste trabalho de investigação. Revelaremos ainda o tipo de estudo pelo qual enveredámos, bem como os instrumentos de recolha de informação. Na elaboração e implementação do plano de investigação, que seguidamente apresentamos, procurámos assegurar o respeito pelos processos metodológicos, a fim de minimizar possíveis enviesamentos.

2. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Com a finalidade de saber quais as percepções que Educadoras de infância e encarregados de educação têm sobre a relação entre creche e a família, surgiram as seguintes questões de investigação:

- 1) Qual a percepção dos pais sobre a relação entre creche e a família?
- 2) Qual a percepção dos educadores sobre a relação entre creche e a família?
- 3) Qual o impacto que esta relação tem para as crianças?

3. ABORDAGEM METODOLÓGICA

Na realização deste estudo, adotamos uma metodologia de natureza qualitativa que, tem tido, nas últimas décadas uma maior afirmação “na abordagem e tratamento dos fenómenos educativos” (Esteves, 2006 p. 105).

Recorremos a este tipo de metodologia porque para analisar as questões enunciadas, podemos aferir quais as perceções dos educadores de infância e das famílias sobre as práticas desenvolvidas para fortalecer as relações entre a creche e a família. Neste sentido Carmo e Ferreira (2008), referem que este tipo de investigação implica estudar, compreender e explicar a situação atual do objeto de investigação incluindo as técnicas de recolha de dados e o modo como o investigador pretende conduzir o estudo.

Bogdan e Biklen (1994) salientam a relevância dos estudos qualitativos quando se tem em conta as experiências descritas pelos participantes no estudo. Denzin (1994) explica o processo de investigação qualitativa como um percurso que vai do *campo* ao *texto* e do *texto* ao *leitor*. Ou seja o investigador faz a *pesquisa no terreno*, para obter informação. Onde elabora um primeiro texto conhecido pelo *texto de campo*. Segue-se o *texto interpretativo provisório*, onde se vê refletido a realidade, a sua interpretação e a sua versão científica da mesma. Depois de partilhado com os participantes da investigação, surge o *documento final* que é remetido publicamente ao leitor.

Esta abordagem metodológica é constituída por aquilo que Afonso (2006) refere como “material empírico”. Deste material fazem parte vários registos tais como: notas de campo, entrevistas, questionários entre outros. Tendo como suporte o material empírico o investigador deve produzir um novo texto científico. Este texto deve-se basear em três conceitos a mencionar: descrição, análise e interpretação como salienta Wolcott (1994).

No processo de investigação qualitativa existe uma estreita relação entre modelo teórico, estratégias de pesquisa, métodos de recolha e análise de informação, avaliação e apresentação dos resultados do projeto de pesquisa como é referido por (Colás, 1998).

Assim, a investigação qualitativa tem como principal finalidade a “compreensão dos fenómenos ou características de uma dada população” (Oliveira, Pereira & Santiago, 2004, p. 27) e segundo os mesmos autores, no que diz respeito, “aos traços

metodológicos, este tipo de orientação pode comportar, ao nível da recolha de dados, tanto estratégias quantitativas como qualitativas” .

Os métodos de investigação utilizados foram instrumentos de medida que serviram para dar “a qualidade informativa dos dados obtidos na investigação” (Coutinho, 2011, p.104) em função da problemática identificada.

4. PARTICIPANTES NO ESTUDO

Sendo os objetivos deste estudo saber as percepções dos educadores de infância e dos pais sobre a importância da relação da creche com a família.

Foram entrevistadas três Educadoras de infância a trabalhar na valência de creche e seis mães que têm ou tiveram os filhos em creche (três mães que têm os filhos na creche e três mães que já tiveram os filhos na creche no ano letivo passado).

	Educadora A	Educadora B	Educadora C
Habitações Literárias	Licenciatura	Licenciatura	Licenciatura
Anos de docência	7anos	10anos	20anos
Estabelecimentos de ensino	Privado	Privado	Privado

Tabela 1- Dados pessoais e profissionais das Educadoras de infancia

	Mãe 1	Mãe 2	Mãe 3	Mãe 4	Mãe 5	Mãe 6
Profissão	Empregada de mesa	Empregada de limpeza	Empregada de limpeza	Empregada doméstica	Operadora de supermercado, desempregada	Empregada de balcão

Tabela 2- Dados pessoais e profissionais das mães

5. PROCEDIMENTOS

Após conversa informal com a orientadora, decidimos desenvolver um estudo com o objetivo de conhecer a relação entre creche e família, delineámos os procedimentos do estudo e o desenvolvimento do processo de recolha de dados.

Quando ficou definida a problemática e a prossecução do estudo foi necessário efetuar uma conversa com a Educadora responsável de sala da Prática de Ensino Supervisionada do mestrado em educação pré-escolar e com as Educadoras a trabalhar na valência de creche, com o intuito de dar conhecimento e explicitar o trabalho que pretendíamos desenvolver, tal como os objetivos e o processo de recolha de dados. Após a aceitação procedeu-se ao pedido de autorização formal por escrito (Anexo I), à Direção da instituição. Posteriormente foi efetuado pedido de autorização aos pais ou encarregados de educação. (Anexo II)

A recolha de dados ocorreu na primeira quinzena de julho de 2013. As entrevistas às Educadoras A, B foram efetuadas na mesma semana, e a C na segunda semana. As Educadoras A, B e C foram entrevistadas no salão polivalente durante as horas não letivas. As quais realizei com o pedido de autorização para a gravação da mesma, afirmando que a utilização das respostas seria uso exclusivo do relatório final.

As entrevistas realizadas aos Pais foram realizadas no final da segunda quinzena do mês de Julho de 2013. Realizadas no salão polivalente, antes da saída das crianças.

Foram realizadas três entrevistas a três Educadoras da instituição, e a seis familiares. O modelo escolhido foi a entrevista semiestruturada, “conduzida a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista” (Afonso, 2006, p. 99) (Anexo III).

Pretendemos com as entrevistas saber as percepções dos educadores e famílias sobre a relação entre família/ creche e também a reação das crianças aquando de atividades conjuntas entre estes dois contextos.

As famílias entrevistadas foram selecionadas com base na frequência de participação na creche (participam sempre que solicitado e por iniciativa própria, participam de acordo com as possibilidades e não participam). Os critérios utilizados para a seleção dos educadores a entrevistar foram:

- Locais de Formação Académica e estratégias utilizadas para o envolvimento dos pais na relação família creche.

As entrevistas tiveram a duração média de uma hora.

Os participantes foram entrevistados na Instituição na sala polivalente por ser mais recatada e confortável para o efeito. Todas as marcações das entrevistas respeitaram as sugestões dos entrevistados, quanto às horas, procurámos dessa forma, respeitar a sugestão destes face a horas e datas.

A estratégia que utilizámos na condução das entrevistas foi intencional e com o propósito de valorizar e promover um ambiente relacional facilitador do diálogo e da reflexão sobre a experiência profissional (Bogdan e Biklen, 1994).

No decurso das entrevistas foi importante o nosso conhecimento sobre as atitudes que, segundo Quivy e Campenhoudt (1992), ajudam à estimulação das respostas – saber ouvir, ouvir pacientemente, saber esperar nos momentos de silêncio – na medida em que são atitudes que favorecem o fluir da comunicação. Na prossecução das entrevistas procurámos não abandonar estes princípios.

Como já referimos, o guião serviu como veículo de orientação das entrevistas, a fim de mantermos presente os aspetos principais a conhecer, no entanto, tivemos uma atitude flexível, sendo que cada entrevista foi única.

Todas as entrevistas foram gravadas – pedido realizado a todos os entrevistados aquando a marcação da entrevista – com gravador portátil de voz, pela vantagem de captarmos, de forma completa, toda a informação dada pelos entrevistados. Seguimos mais uma vez a orientação de Bogdan e Biklen (1994) quando dizem que:

Alguns investigadores tomam notas de campo extensas depois de uma entrevista (...). Confiam na sua capacidade de se lembrar e não num gravador (...) são difíceis de captar de forma completa. Quando um estudo envolve entrevistas extensas ou quando a entrevista é a técnica principal do estudo, recomendamos que use um gravador. (p. 172)

Finalmente é importante referir que as informações sobre sigilo e anonimato foram sempre mencionadas aos entrevistados, no início de cada entrevista. Optámos por utilizar um nome genérico na identificação dos entrevistados e posteriormente foram identificados com uma sigla.

6. TÉCNICAS DE RECOLHA DE DADOS

Definido o problema, questões de investigação, seleccionados os participantes, o passo seguinte no processo da investigação tem a ver com a recolha de dados empíricos. Trata-se de saber “o que” e “como” vão ser recolhidos os dados, que instrumentos vão ser utilizados, questões fundamentais das quais depende a qualidade científica dos resultados e das conclusões do estudo (Almeida & Freire, 1997; Black, 1999, citado em Coutinho, 2011, p.99).

Tendo em conta o enquadramento teórico inicial e a contextualização da problemática, passamos a explicitar quais os procedimentos e perspectivas metodológicas que sustentaram a operacionalização do trabalho de investigação que desenvolvemos optámos pela realização de entrevistas semiestruturadas.

6.1. A entrevista semiestruturada

Segundo Afonso (2006), a entrevista é considerada uma técnica de investigação baseada numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente. O mesmo autor distingue-

as entre entrevistas estruturadas, não estruturadas e semiestruturadas, que são utilizadas de acordo com a investigação pretendida. Na entrevista estruturada recorre-se a um guião construído com o objetivo de quantificar as respostas, as entrevistas não estruturadas não tem um guião e pretende-se conhecer a opinião do entrevistado, as entrevistas semiestruturadas baseiam-se num guião com um tema específico mas permitem ao entrevistado uma resposta mais abrangente.

Recorremos à realização de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas “permitem ao investigador retirar (...) informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Quivy, 1995,p. 192). Esta técnica foi selecionada com o objetivo recolher dados/vivências descritas pelos próprios participantes do estudo. Dando, assim, oportunidade ao investigador de entender como a família e os educadores de infância interpretam as variadíssimas temáticas (Bogdan & Biklen, 1994). As entrevistas possibilitam “um contacto directo, que permite esclarecer dúvidas do sujeito e compreender melhor as suas respostas” (Sousa, 2005,p.155).

As questões estavam previamente preparadas mas foi sendo feita quase que uma conversa intervindo apenas nos momentos em que os entrevistados se desviavam do assunto em questão.

Nas palavras de Mishler (1986, citado por Graue & Walsh, 2003) “uma entrevista é um ato de discurso único, muito diferente na forma e no propósito da conversa normal”. As respostas são registadas, o entrevistador controla o ritmo da entrevista utilizando um guião para a mesma.

Nas entrevistas foram utilizadas questões abertas no sentido de obter uma melhor perceção sobre a opinião dos entrevistados e fazer uma análise profunda já que a questão investigada assim o exigia. A análise qualitativa destes dados foi feita através da técnica de análise de conteúdo. A análise de conteúdo (...) compreende, portanto, uma intenção de analisar um ou mais documentos, com o propósito de inferir o seu conteúdo imanente, profundo, oculto sob o aparente; ir além do que está expresso como comunicação direta, procurando descobrir conteúdos ocultos e mais profundos (Sousa, 2005,p.264).

CAPÍTULO 3

1. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo apresentamos os dados recolhidos e realizamos a sua análise. No sentido de compreendermos os resultados obtidos, optámos por dividir a presente análise em quatro categorias, provenientes dos blocos destinados para o guião de entrevista – (I) *Relação creche/família*; (II) *vantagens e desvantagens*; (III) *contributo para a relação creche/família* e (IV) *reações das crianças*

Bloco	Objetivos	Questões
I Relação creche/família	Perceções do entrevistado sobre a relação creche/família	- O que pensa sobre a relação creche/família? - O que considera mais importante nesta relação entre creche/família?
II Vantagens e Desvantagens	Compreender se existem vantagens e desvantagens nesta relação	- Quais as vantagens e desvantagens desta relação? - A interação com as famílias está presente no projeto que desenvolve em sala? - Quais as estratégias utilizadas?
III Contributo para a relação escola família	Caracterizar os comportamentos desenvolvidos pelos entrevistados para contribuir para a relação	- Que dificuldades têm nesta relação entre creche/família? - O que faz para estabelecer esta relação? - O que acha que contribui para esta relação?

IV Reações das crianças	Perceber qual o impacto que esta relação tem nas crianças	- Como pensa que o seu filho reage quando vê os pais a participar nas atividades propostas pela instituição? - Como pensa que a criança reage quando vê os pais a participar nas atividades propostas pela instituição?
--	---	--

Tabela 3- Justificação dos blocos

Os objetivos traçados para esta análise apresentam-se da seguinte forma:

- Saber a opinião das Educadoras sobre a relação creche/família;
- Saber a percepção dos pais relativamente à relação creche/família;
- Caracterizar os comportamentos desenvolvidos pelos entrevistados para contribuir para a relação;
- Perceber qual o impacto que esta relação tem nas crianças.

Os dados que agora apresentamos e analisamos tornam-se cruciais no momento de responder às questões de partida.

Bloco I: Relação creche/família

Efetivamente, e citando Portugal “ (...) a creche é um dos contextos de desenvolvimento da criança compartilhando com a família a educação da mesma. Isto implica em compartilhar os sucessos e as dificuldades que se apresentam e acima de tudo, transformar este trabalho em colaboração mútua.” (1988,p.20).

Na questão - O que pensa sobre a relação creche/família? – Quando foi pedido às Educadoras que explicitassem o seu ponto de vista, constatámos que as entrevistadas partilharam da opinião que esta relação é extremamente importante, no entanto, as razões para essa importância variaram. Para a Educadora A: “ (...) é essencial uma relação comunicativa, sincera e disponível entre a creche e a família e a família e a creche. A Educadora B refere: “ As famílias necessitam de muito apoio em creche- nas adaptações, rotinas e hábitos alimentares”. A Educadora C explicita que:

“A família é o primeiro grupo de influência da criança, a vida familiar e a vida escolar são simultâneas, para mim as duas são indispensáveis e complementam-se entre si. Acho que deve haver uma parceria constante entre a família e a creche, na minha opinião a participação dos pais enriquece o trabalho educativo que se desenvolve na creche”.

Tal como referido anteriormente:

«Quando o educador tem formação, conhecimentos e “sensibilidade” ou capacidade de empatia perante as interações criança/ família/ creche, muito mais provavelmente isto é transportado com resultados positivos para as suas observações e trabalho com a criança e os pais.» (Portugal, 1998,p. 24)»

Apresentamos seguidamente a análise das respostas dadas pelas mães aquando das entrevistas.

Interpeladas sobre O que pensa sobre a relação creche/família? (questão 2 – anexo) a maioria respondeu que era muito importante haver uma relação entre estas duas instâncias para o conhecimento dos comportamentos dos filhos, do desenvolvimento e bem-estar das crianças.

Para a Mãe 1: “A creche tem que se relacionar bem com os pais, para proporcionar um ambiente familiar com a criança para ter um bom desempenho”, também a Mãe 6 afirma:

“É uma relação bastante importante, afinal é na creche que o meu filho passa o dia. O espaço, as pessoas, e as outras crianças fazem o ambiente escolar bom ou mau. Tem de haver uma comunicação de ambas as partes, sincera e honesta, pois trata-se do bem-estar de crianças”.

Assim, e ao pensarmos a creche como um prolongamento da família consideramos de especial importância a estreita colaboração entre a creche e a família, partilhando cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo das crianças. (Rocha, Couceiro & Madeira, 1996).

Concordamos com os autores supracitados, pois, existindo uma comunicação aberta entre educadores e família, bem como, confiança, respeito mútuo, colaboração e

participação efetiva dos pais na vida da creche, se beneficia primordialmente as crianças, e facilita-se a relação entre famílias e educadores. Não esqueçamos que esta é uma das funções do educador de Infância.

Bloco II - Vantagens e Desvantagens

Para melhor compreender esta parceria colocámos a questão “Quais as vantagens e desvantagens desta relação?”

Nas palavras da Educadora A “é vantajoso no sentido em que as famílias conhecem melhor a instituição e o trabalho pedagógico” para a Educadora B existem vantagens para o bem-estar da criança, mas também é possível haver desvantagens quando a interação entre a creche e a família for mal conduzida.

A Educadora C refere:

“Este tipo de interação com os pais e famílias promove o sentido de pertença da criança à creche, ajuda a que se criem laços de confiança recíprocos, com os pais e crianças e que permitem o estabelecimento de uma relação afetiva e securizante com a criança. Não considero que haja desvantagem neste tipo de interação, existem sim muitas dificuldades na implementação”.

Também na opinião de Bove (2001) a intenção desta parceria entre educadores e pais é a de que ambos se sintam parceiros e não como antagonistas e que através da discussão, partilha e compreensão se sentimentos, pessoais e dos outros, alcancem um sentimento de segurança propício a um trabalho conjunto futuro.

Para as mães inquiridas as vantagens dizem respeito ao conhecimento do dia-a-dia dos filhos, das suas aprendizagens e também interpretam esta relação como uma continuidade do trabalho que é realizado em casa.

Mãe 1- “As crianças se relacionam bem, apreendem muito e não vejo desvantagem com isso”.

Mãe 2- “Acho que só temos a ganhar com uma boa relação entre creche/família”.

Mãe 6- “Percebo o dia-a-dia do meu filho, acompanho a sua evolução”.

Como desvantagem foi apontado por duas mães (mãe 4 e mãe 6) a falta de tempo para participarem em todas as atividades.

Para Edwards e Gandini (2001) a “definição de qualidade deverá perpassar uma imagem do sistema como acessível às famílias e favorecedor da participação destas”.

Bloco III: Contributo para a relação escola família

Ao traçarmos os objetivos deste estudo, considerámos que seria crucial caracterizar as práticas dos educadores, desenvolvidas com este intuito, assim como, para conhecer a opinião dos pais em relação à sua ação junto da creche de modo a contribuir para esta interação.

As Educadoras de infância foram questionadas em relação a este assunto através de duas questões (5- A interação com as famílias está presente no projeto que desenvolve em sala? e 6- Quais as estratégias utilizadas?).

Na questão 5- A interação com as famílias está presente no projeto que desenvolve em sala? As Educadoras responderam afirmativamente, no entanto duas não especificaram como esta intenção se podia desenvolver na prática com as famílias.

A Educadora C afirma:

“O envolvimento e a participação dos pais na creche estão presentes no projeto pedagógico, foram delineados diversos objetivos e estratégias para promover a sua vinda à creche, envolvendo-os no processo educativo dos filhos, valorizando o seu papel e os seus contributos”.

Nas respostas à questão - Quais as estratégias utilizadas? – Evidenciaram-se algumas estratégias para a promoção de diálogo, comunicação e outras organizadas intencionalmente enquanto oportunidades de aprendizagem para as crianças e pais.

A Educadora A indicou as estratégias seguintes:

“ A comunicação e interação com as famílias diária. O diálogo, o registo de atividade diária, o caderno vaivém, as reuniões de plano de desenvolvimento individual, o

envolvimento das famílias nas atividades do estabelecimento e o convite para participarem ou desenvolverem atividades na sala”

Para a Educadora B foram consideradas as estratégias: “Registos escritos e fotográficos, o caderno vaivém, os portefólios individuais das crianças e os dias festivos”

A Educadora C afirmou que utilizava estratégias diversas:

- “Através da entrevista inicial e preenchimento da Ficha de Diagnóstico
- Valorizando o papel da família no momento da adaptação, promovendo as trocas de informação sobre hábitos e rotinas da criança
- Através do preenchimento, em conjunto com o Educador, dos PDI (plano de desenvolvimento individual) das crianças assim como da Avaliação do período de adaptação
- Estabelecendo com os pais uma programação de vinda dos pais e outros familiares das crianças, à sala para participarem e organizarem atividades com e para os filhos
- Promovendo a participação dos pais em passeios e visitas
- Através da construção em parceria com os pais do Portefólio Individual (como mais um instrumento de avaliação do desenvolvimento da criança ao longo do ano letivo)
- Expondo os trabalhos efetuados pelas crianças na sala, nos espaços individualizados e nos espaços coletivos
- Divulgando o trabalho efetuado na sala através dos diversos placards, e Portefólio individual e “reportagens fotográficas”
- Realizando uma mostra de todo o trabalho efetuado ao longo do ano na “Exposição do Final do Ano Letivo”

- Através das trocas informais diárias, do Caderno Vai e Vem (como instrumento de partilha, divulgação e informação) e do registo da atividade diária
- Realizando de reuniões de pais de sala e individuais
- Promovendo a avaliação das atividades desenvolvidas na sala e no estabelecimento com pais/famílias, através de instrumentos criados para esse fim (de forma a refletir e melhorar a nossa prática)
- Incentivando a vinda à escola nos momentos festivos, participando no planeamento e organização desses momentos”.

Para Oliveira-Formosinho e Araújo (2013) estratégias como a participação dos pais em atividades e projetos e o recurso a documentação pedagógica (portefólios individuais, fotografias do envolvimento das crianças em diversas atividades) são consideradas potenciadoras de um sentido de pertença e de desenvolvimento das identidades pessoais e sociais.

As mães foram inquiridas sobre o assunto nas questões 3 e 4. Questão 3- O que acha que contribui para esta relação? Questão 4- O que faz para estabelecer esta relação?

Na questão 3 (O que acha que contribui para esta relação?) as respostas das mães foram muito semelhantes quando referiram a importância da comunicação, diálogo e valores como o respeito e amizade entre a escola e a família.

Mãe 1- “A amizade, respeito e claro os valores profissionais dos profissionais de ambas as partes”; Mãe 2- “Contribuir com respeito e educação e comunicação...” Mãe 4- “Compreensão de ambas as partes”; Mãe 5- “Contribuir na comunicação entre pais e educadores e auxiliares”; Mãe 6- “... haver comunicação pais – creche”.

Corroborando com as palavras de Formosinho e Oliveira-Formosinho (2008) “A construção de uma relação de abertura e confiança estende-se aos pais, assumida enquanto elemento facilitador da emergência de perceções e expectativas positivas

acerca do ambiente educativo, de diminuição de ansiedade e de compreensão de que têm lugar no centro. (citados por Oliveira-Formosinho & Araújo, 2013,p.68).

Como referido anteriormente, a construção de laços como tarefa central do educador num clima de respeito pelas especificidades de cada contexto familiar promove a colaboração entre a creche e a família.

Na questão 4- O que faz para estabelecer esta relação?

Foi evidenciado na opinião das mães o interesse em corresponder aos pedidos da creche, em conhecer as atividades diárias dos filhos, em estar presente nas reuniões e em participar nas atividades sugeridas pela creche.

Mãe 1 – “O conhecimento do dia-a-dia, o diálogo e a participação”.

Para a Mãe 2 – a relação estabelece-se quando “faço tudo para estabelecer uma boa relação, tudo o que a creche me pede”.

A Mãe 3 e a Mãe 4 tentam “participar o máximo que posso nas atividades propostas pela instituição”; “Estar presente, fazer todas as atividades propostas pela creche”.

A Mãe 5 e a Mãe 6 referem:

“Tento sempre que me é solicitado estar presente em todas as reuniões, em todas as festas e diariamente quando vou pô-lo e buscá-lo falo muito com as Educadoras”.

“Cumprimentar todas as pessoas com quem me cruzo dentro do espaço, pais, funcionários e crianças. Avisar sobre alterações do meu filho, entregar a criança dentro do horário estabelecido. Preocupo-me com a alimentação, pergunto sobre as atividades diárias e participo nas propostas.

Podemos constatar que as mães inquiridas evidenciam interesse ativo no envolvimento das aprendizagens das crianças e na construção de uma relação colaborativa junto da creche.

Na questão 8- Que dificuldades sentem nesta relação entre creche/família? As respostas das Educadoras foram análogas:

Educadora A- “falta de disponibilidade é o fator que poderá dificultar a interação”.

Para a Educadora C – “A maior dificuldade sentida é a articulação com as famílias, torna-se difícil às famílias responderem às diversas solicitações da creche: devido à carga horária nos trabalhos dos pais, à dificuldade das entidades patronais em facilitarem a vinda dos pais à escola, apesar de ser um direito consagrado na lei. Mas também senti dificuldade em chegar a algumas famílias, que apesar de não trabalharem, não valorizam o trabalho da creche, considerando um “peso” tudo o que lhes pedimos para fazer, incluindo as reuniões de avaliação dos filhos. Penso que existe em algumas famílias uma desconfiança constante, o que cria uma barreira quando propomos atividades de interação entre creche/família”.

A Educadora B afirma que “algumas famílias não participam no trabalho de sala por motivos laborais”. Refere também como dificuldade que há famílias que não participam por «“vergonha” medo de se exporem» e ainda por haver “mães muito novas, com pouca escolaridade que evitam escrever nos cadernos/portefólios. Alguns não sabem escrever”.

Mac Naughton, (2006) citado por Oliveira-Formosinho e Araújo, 2013,p.79. Indica como “tarefa central a identificação das pedagogias mais eficazes na promoção do respeito para a diversidade”.

A mesma questão (7): Que dificuldades têm nesta relação entre creche/família? Foi respondida de forma idêntica por três mães (1,3 e 4). As encarregadas de educação consideram como maior dificuldades a falta de tempo, os horários laborais e os horários da instituição. A Mãe 4 para além de afirmar que os horários da instituição são complicados, refere que algumas das atividades propostas pela creche são “extremamente difíceis”.

As Mães 2,5 e 6 consideraram não ter dificuldades na relação entre a creche/família.

Mãe 6- “Até hoje nunca tive muita dificuldade, havendo organização e vontade, tudo se faz. Existe um registo diário de entrada e de saída ou então para registar alterações ou

notícias. Existe um caderno para passar mensagens e existem bons profissionais para ouvirem e falarem.

Bloco IV - Reações das crianças

Neste bloco com a questão- Como reagem à interação creche/família?- pretendemos saber o que percebem os participantes deste estudo, sobre o impacto desta relação nas reações das crianças.

No âmbito da abordagem *High Scope* para a creche a parceria com os pais é considerada como muito salutar para um ajustamento favorável da criança aos dois contextos (familiar e institucional). (Oliveira-Formosinho & Araújo 2013)

Para as Educadoras A e B as crianças reagem de forma positiva quando presenciam a interação entre a creche e a família. Educadora A: “Positivamente, sentem-se mais confiantes se sentirem que a família e a creche comunicam de forma correta e assertiva”.

Esta reação positiva é demonstrada aquando da presença dos pais na creche, assim como, quando as crianças mostram aos pais os trabalhos por elas realizados. Para a Educadora B “ As crianças adoram ver os seus pais na instituição e na sala. Quanto aos registos feitos nos cadernos, as crianças partilham esses trabalhos com muita satisfação”.

A Educadora C declara:

“As estratégias de interação entre creche/família que envolvem as crianças são muito bem aceites pelas crianças, embora em algumas atividades propostas como as de participação dos pais em situações de vida da sala, como sessões de motricidade, contar histórias etc., algumas crianças tenham no início da atividade uma reação um pouco negativa (recusando-se a participar, não deixando o colo dos pais, etc.), mas a maioria acaba por tirar proveito dessas atividades ao fim de algum tempo”.

A maioria das mães entrevistadas referiu que as crianças reagem muito bem à participação dos pais na escola. Mãe 4 “ O meu filho reage muito bem pois gosta de ver a mãe a participar”; Mãe 3“ com ânimo crescente e orgulho”; Mãe 6:

“ Reage muito bem, pois sente que a escola é uma segunda casa, onde até os pais participam. Não existe distância na relação pais/creche, desde que exista amor e respeito pelas crianças”.

Para Lima (1992, citado por Homem, 2002) a escola deve ser vista como uma ampliação da família, sendo considerada uma das suas principais funções: a ampliação e o complemento do papel educativo. Seja qual for a área de educação, qualquer profissional sabe que os resultados do seu trabalho junto das crianças são influenciados pelo apoio que estes recebem, ou não, dos seus familiares.

1.1. SÍNTESE DA TRIANGULAÇÃO DOS DADOS

A triangulação é o acordo entre as diferentes perspetivas metodológicas, os diversos materiais empíricos e a participação de vários investigadores num só estudo e deve ser entendida como uma estratégia que acrescenta rigor, amplitude, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação (Denzin e Lincoln, 2000).

A tabela que a seguir se apresenta reúne a análise dos dados recolhidos, desta feita, de uma forma mais sucinta de modo a facilitar a compreensão dos mesmos e a oferecer uma visão global dos resultados obtidos. Refere Maxwell (2005), a triangulação conduz a um conjunto de conclusões mais credíveis.

	Educadoras de Infância (Entrevistas)	Pais/Encarregados de Educação (Entrevistas)
<u>Bloco I</u> Relação creche/família	<p>“ (...) é essencial uma relação comunicativa, sincera e disponível entre a creche e a família e a família e a creche.</p> <p style="text-align: right;">Educadora A</p>	<p>“É uma relação bastante importante, afinal é na creche que o meu filho passa o dia. O espaço, as pessoas, e as outras crianças fazem o ambiente escolar bom ou mau. Tem de haver uma comunicação de ambas as partes, sincera e honesta, pois trata-se do bem-estar de crianças”.</p> <p style="text-align: right;">Mãe 6</p>
<u>Bloco II</u> Vantagens e desvantagens	<p>“Existem vantagens para o bem-estar da criança, mas também é possível haver desvantagens quando a interação entre a creche e a família for mal conduzida”.</p> <p style="text-align: right;">Educadora B</p> <p>“Este tipo de interação com os pais e famílias promove o sentido de pertença da criança à creche, ajuda a que se criem laços de confiança recíprocos, com os pais e crianças e que permitem o estabelecimento de uma relação afetiva e securizante com a criança. Não considero que haja desvantagem neste tipo de interação, existem sim muitas dificuldades na implementação”.</p> <p style="text-align: right;">Educadora C</p>	<p>“As crianças se relacionam bem, apreendem muito e não vejo desvantagem com isso”.</p> <p style="text-align: right;">Mãe 1</p> <p>“Acho que só temos a ganhar com uma boa relação entre creche/família”.</p> <p style="text-align: right;">Mãe 2</p> <p>“ O tempo não permite participar em todas as atividades que eu gostava”</p> <p style="text-align: right;">Mãe 6</p>

Não analiso propriamente as representações obtidas.

*Nas descrições as respostas
por categorias.*

<p>Bloco III Contributo para a relação escola família</p>	<p>“O envolvimento e a participação dos pais na creche estão presentes no projeto pedagógico, foram delineados diversos objetivos e estratégias para promover a sua vinda à creche, envolvendo-os no processo educativo dos filhos, valorizando o seu papel e os seus contributos”.</p> <p style="text-align: right;">Educadora C</p> <p>“ A comunicação e interação com as famílias diária. O diálogo, o registo de atividade diária, o caderno vaivém, as reuniões de plano de desenvolvimento individual, o envolvimento das famílias nas atividades do estabelecimento e o convite para participarem ou desenvolverem atividades na sala”</p> <p style="text-align: right;">Educadora B</p>	<p>“A amizade, respeito e claro c... profissionais dos profissionais de ... partes”.</p> <p style="text-align: right;">Mãe 1</p> <p>“Contribuir com respeito e educação e comunicação...”</p> <p style="text-align: right;">Mãe 2</p> <p>- “Compreensão de ambas as partes”.</p> <p style="text-align: right;">Mãe 4</p> <p>Tenta “participar o máximo que posso nas atividades propostas pela instituição”.</p> <p style="text-align: right;">Mãe 3</p> <p>“Cumprimentar todas as pessoas com quem me cruzo dentro do espaço, pais, funcionários e crianças. Avisar sobre alterações do meu filho, entregar a criança dentro do horário estabelecido. Preocupo-me com a alimentação, pergunto sobre as atividades diárias e participo nas propostas.</p> <p style="text-align: right;">Mãe 6</p>
<p>Dificuldades</p>	<p>“Algumas famílias não participam no trabalho de sala por motivos laborais” por “vergonha” medo de se exporem e ainda por haver mães muito novas, com pouca escolaridade que evitam escrever nos cadernos/portefólios. Alguns não sabem escrever”.</p> <p style="text-align: right;">Educadora B</p>	<p>“Os horários da instituição são complicados. Algumas atividades são extremamente difíceis”</p> <p style="text-align: right;">Mãe 4</p>
<p>Bloco IV Reações das crianças</p>	<p>“As estratégias de interação entre creche/família que envolvem as crianças são muito bem aceites pelas crianças, embora em algumas atividades propostas como as de participação dos pais em situações de vida da sala, como sessões de motricidade, contar histórias etc., algumas crianças tenham no início da atividade uma reação um pouco negativa (recusando-se a participar, não deixando o colo dos pais, etc.), mas a maioria acaba por tirar proveito dessas atividades ao fim de algum tempo”.</p> <p style="text-align: right;">Educadora C</p>	<p>“ Reage muito bem, pois sente que a escola é uma segunda casa, onde até os pais participam. Não existe distância na relação pais/creche, desde que exista amor e respeito pelas crianças”.</p> <p style="text-align: right;">Mãe 6</p>

*elementos
deveriam
constituir
categorias
analíticas.*

Tabela 3- Triangulação dos Dados

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendemos que as considerações finais deste trabalho constituam um momento de síntese e articulação das informações referidas no enquadramento teórico assim como se relembresse as perguntas de partida que serviram de fio condutor da pesquisa para os confrontar, com os resultados do estudo. Foram colocadas as seguintes questões:

Deste modo, será através da resposta às perguntas de partida e tendo como fio condutor os objectivos definidos, no início da pesquisa, que percorremos o caminho de reflexão que vamos encetar nesta conclusão final.

Começamos por refletir sobre o conceito de família e educação, fazendo uma breve abordagem histórica sobre estes conceitos.

Investigamos sobre o conceito de creche baseando-nos em leituras feitas de vários autores e sobre outros conceitos que daí advêm como sejam a participação e a colaboração. Refletimos ainda sobre a relação entre a escola e a família e conceitos que surgiram como sejam o envolvimento, parceria, participação e colaboração. Sabemos que a colaboração implica cooperação e envolvimento de todos os intervenientes trabalhando em conjunto para atingir objetivos comuns e implica também uma participação ativa e estar presente mantendo uma relação de parceria, partilha de ideias e opiniões.

Verificamos, porém, que podem ser muitas as formas de colaboração e que estas nem sempre correspondem ao que seria desejável: podemos encontrar os familiares que se envolvem de uma forma ativa, colaborando na preparação de projetos, os que são leais, os que, por outro lado, ficam passivos esperando até serem solicitados.

Depois de procedermos à transcrição das entrevistas, as quais foram feitas a mães e a educadoras de infância, verificamos que os resultados obtidos nos permitiram chegar a

conclusões interessantes e a opiniões muito semelhantes, tendo em conta o papel desempenhado pelos entrevistados.

As profissionais de educação de infância consideram ter uma relação de confiança com os pais das crianças, consideram que a família tem uma relação ativa com a creche, embora só alguns pais participem quando são solicitados, não por iniciativa própria. A participação dos pais na escola verifica-se, essencialmente, quando são solicitados pela creche para participarem numa festa ou numa reunião.

A creche pode ainda promover a participação da família deixando que esta possa trazer projectos e ideias consoante as actividades que se vão desenvolvendo. Como refere Rebelo (1996, p.83), “Chamar o pai, a mãe, ou os avós à vida da sala é uma forma de os integrar e responsabilizar na própria escola, o que é o mesmo que dizer responsabilizá-los e com eles cooperar na educação das crianças”.

Na opinião das educadoras de infância entrevistadas a creche tem incentivado a família para a participação das famílias através da utilização de estratégias específicas. Na generalidade e relativamente à colaboração entre a escola e a família, concluímos que a maioria dos pais colabora com a creche. A instituição tem essa preocupação e até planeia atividades em conjunto com os pais. Para que a colaboração funcione é necessário que a escola e a família trabalhem em conjunto e com o mesmo objetivo.

Nas entrevistas realizadas às famílias a maioria respondeu que era muito importante haver uma relação entre estas duas instâncias para o conhecimento dos comportamentos dos filhos, do desenvolvimento e bem-estar das crianças.

No que respeita às vantagens e desvantagens desta relação as educadoras responderam que as vantagens são no sentido em que as famílias conhecem melhor a instituição e o trabalho realizado na sala, contribuição ainda para o bem-estar da criança. As desvantagens consistem quando a interação entre a creche e a família é mal conduzida ou na dificuldade em realizá-la. Os encarregados de educação afirmaram que as

vantagens dizem respeito ao conhecimento do dia-a-dia dos filhos, das suas aprendizagens e pensam que esta relação é uma continuidade do trabalho que é realizado em casa. Enquanto as desvantagens dizem respeito à falta de tempo para participarem em todas as atividades.

Levando em consideração a opinião dos pais, concluímos que a creche pode ser considerada um suplemento e continuação de experiências familiares. No entanto, tendo em conta a realidade observada, concluímos que a creche tem uma intencionalidade que vai para além da intencionalidade da vida familiar.

As mães entrevistadas consideraram a confiança como um fator primordial na interação com as educadoras e para os seus filhos, pois essa relação de confiança nos profissionais promove o bem-estar do seu filho nessa instituição e promovem um desenvolvimento equilibrado da criança. Algumas mães consideram fundamental conhecer a equipa educativa que está com o seu filho e referiram a importância da comunicação, diálogo e valores como o respeito e amizade entre a escola e a família.

As educadoras responderam que a maior dificuldade sentida é a falta de disponibilidade devido à carga horária no emprego dos pais que trabalham enquanto aos restantes que não trabalham existe uma certa desconfiança.

Nas respostas parentais notou-se que embora algumas mães referissem que não tinham qualquer tipo de dificuldade na interação com a creche, outras evidenciaram receios na realização de trabalhos solicitados pela creche, e ainda outras apontam a carga horária nos empregos como uma dificuldade que as impede de responder afirmativamente a todas as solicitações da creche.

Assim, é de salientar, que os horários das educadoras e dos pais são por vezes incompatíveis.

O bom relacionamento entre educadores e pais favorece a integração da criança na escola, beneficia as representações dos educadores e aumenta auto estima e satisfação das crianças.

Os adultos são responsáveis por assegurar que as crianças tenham um desenvolvimento e aprendizagem saudáveis. O estabelecimento de relações positivas e apoiantes, especialmente nos primeiros anos de vida, é de uma importância crucial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social (Bowlby, 1969; Stern, 1985, In NAEYC, 1997) e, juntamente com a observação constante das crianças, permite que os adultos conheçam os interesses, necessidades e potencialidades de cada criança (NAYEC, 1997).

Ambos os participantes afirmaram que as crianças reagem de forma muito positiva quando os pais participam nas atividades propostas pela creche.

Qualquer que seja a participação dos pais na escola dos filhos é sempre de valorizar, mas não devemos esquecer que cabe à creche abrir a suas portas e permitir que a colaboração entre ambos funcione. Os pais devem, pois, ser assumidos como parceiros, colaborando no que diga respeito à escola referente à relação criança/pai/educador.

Neste estudo, a opção de se recorrer a entrevistas semi-directivas revelou-se pouco rico (ideias globais e dispersas, pouca diferenciação entre grupos). Inicialmente, pensou-se numa técnica de *Q-sort*, pois permite obter mais informação, mas este procedimento implicaria uma grande exigência em termos de tempo e implicava uma disponibilidade de que a autora não dispunha.

O recurso a métodos qualitativos representa uma mais-valia neste trabalho, mas poderia retirar-se maior partido deste estudo se, por exemplo, fossem realizadas entrevistas a um maior número de educadoras de infância, a um número mais significativo de pais e também a um número significativo de auxiliares de ação educativa.

Outra limitação deste estudo relaciona-se com o facto de se circunscrever a uma instituição o que é relativamente restrito, não sendo por isso possível tirar conclusões que se possam aplicar a outras instituições de primeira infância.

A importância das ideias dos educadores de infância na promoção nas suas práticas de uma relação com as famílias é quase inquestionável, mas é visível a escassez de estudos sobre esta temática. Este trabalho poderá ser útil para uma melhor compreensão das

ideias que encarregados de educação e educadoras de infância têm sobre a creche, nomeadamente sobre o seu papel da instituição no envolvimento das famílias e sobre a importância que essa interação poderá ter no desenvolvimento das crianças.

No entanto, teria sido pertinente analisar as diferenças existentes em cada grupo profissional (educadores de infância e auxiliares de ação educativa), que pudessem fornecer mais dados sobre as ideias que têm sobre a relação que a creche estabelece com as famílias, nomeadamente em que medida se relacionam com outras características sócio-demográficas (e.g. idade, instituição formadora, experiência).

Na conclusão deste trabalho torna-se indispensável refletir sobre as implicações que este estudo pode ter, incluindo perspetivas de trabalhos futuros. Ter um conhecimento mais aprofundado das ideias que os profissionais têm sobre o contexto de creche, assim como dos aspetos que fundamentam essas ideias seria de grande utilidade. Uma análise pormenorizada dos currículos de formação inicial dos educadores de infância seria igualmente importante, assim como novas propostas de formação no domínio da creche para todos os profissionais. Finalmente, ao nível de políticas sociais e educacionais, é indispensável que se olhe mais atentamente para os cuidados e educação oferecidos às crianças dos 0 aos 3 anos em Portugal, especialmente na definição de papéis claros e de formas para melhorar os contextos de creche de modo a maximizar as potencialidades de desenvolvimento da criança.

Estrela, M.T.(org) (1993). *Escola e família: Caderno de apoio ao professor*, Lisboa: Flux, N-8, FPCE-UL

Fernandes, P. M. P. de Sousa (2005). *A (Re)Construção do Ambiente educativo das escolas e a Educação Multi/Intercultural*, Universidade do Minho Instituto de Estudos da Criança, Braga.

Figueira, M. C. C. (1998). Ser educador na creche. *C:E:I: Cadernos de Educação de Infância*, 48, pp.69-70.

Fine, M. (1998). Integrating family therapy: Handbook of family, cap. Family-school intervention. American Psychological Association, 481–495.

Formosinho, J. (2009). À conversa com Júlia Formosinho. *C:E:I: Cadernos de Educação de Infância*, 86, pp.4-8.

Formosinho, J. (2011). Educação das crianças até aos três anos – algumas lições de investigação. In *Actas do Seminário A Educação das crianças dos 0 aos 3 anos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, pp.61-91. Recuperado em 2011, Junho 9, de <http://www.cnedu.pt>.

Gameiro, A. (1998). *Pedagogia e relação educativa*. Porto: Edições Salezianas.

Goldschmied, E., & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 a 3 Anos: O atendimento em creche*. Porto Alegre: Artmed.

Gomes-Pedro, J. (Janeiro/Março de 1987). O recém-nascido e a comunicação. *Cadernos de Educação de infância*, pp. 3-7.

Graue, E.; Walsh, D.(2003). *Investigação científica com crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Henderson, A. T., & Mapp, K. L. (2002). *A new wave of evidence: The impact of school, family, and community connections on student achievement*. Austin, TX: Southwest Educational Development Laboratory.

Homem, L.F. (2000). Das fragilidades e Ambiguidades da Relação com os Pais na Educação Pré-Escolar. In *Infância e Educação, Investigação e Práticas*, no1.Porto: Porto Editora.

Homem, M. L. (2002). *O jardim de infância e a família*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional

Homem, C., Gomes B. e Montalvão. (2009). A importância da criatividade. *Cadernos de Educação de Infância* nº88, APEI, dezembro, p.41-46.

Hoz, V. G. (1996). *Educación Personalizada*. Madrid: Ediciones Rialp

Kant, I. (1985) *Crítica da razão pura*. Lisboa.

- Landcheere, G. (1983). *Definir os objectivos da educação*. Lisboa: Moraes Editores.
- Machado, M. (2007). *Família e Insucesso Escolar*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Marques, R. (1989). Obstáculos ao envolvimento dos pais nas escolas. *Revista ESES*, 1, 43-59.
- Marques, R. (1988). *A Escola e os Pais – Como colaborar?* Lisboa: Texto Editora, 25a edição.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*; Coleção Ensinar e Aprender, Editorial Presença, Lisboa.
- Ministério da Educação (2000). *A educação pré-escolar e os cuidados para a infância em Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação, DEB.
- Moniz, I. (2011). In Actas do Seminário *A Educação das crianças dos 0 aos 3 anos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, pp.15-21. Recuperado em 2011, Junho 9, de <http://www.cnedu.pt>
- Morgado, A. (2005). *Educação – Mudar é possível. O que falta? Recursos ou política?* Gradiva, Lisboa
- Nerici, I.G. (1986) *Introdução à educação escolar*. São Paulo: Atlas.
- NAEYC (1997). *Developmentally Appropriate Practice in Early Childhood Programs Serving Children from Birth through Age 8 – A position statement of the National Association for the Education of Young Children*. Retirado a 5 de Outubro de 2014 de <http://www.naeyc.org/about/positions/dap7.asp>.
- Oliveira-Formosinho, J.& Araújo, S. B. (2008). A construção social da moralidade: As vozes das crianças. In *A escola vista pelas crianças*, ed. Júlia Oliveira-Formosinho, 31 - 54. . Porto: Porto Editora
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo S. B. (2013) *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto: Porto Editora.
- Oliveira L, Pereira A, Santiago R, (2004). *Investigação em educação. Abordagens conceptuais e práticas*. Porto Editora.
- Pérez Gómez, A. (1992). Socialización y educación en la época postmoderna. In: Goikoetxea, J.; Garcia, J. (Coord.). *Ensayos de pedagogía crítica*. Madrid: Popular, pp. 45-65.
- Perrenoud, Philippe (1978). *Das diferenças culturais às desigualdades escolares: a avaliação e a norma num ensino diferenciado. Análise psicológica* (2a edição). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Perrenoud, Philippe. (1995). *Ofício do Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*. Porto: Porto Editora.

Perrenoud, Philippe (2002). *Aprender a negociar a mudança em educação*, Coleção Foco, Edições Asa, Porto.

Portugal, G. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: Centro de Investigação, Difusão e Intervenção Educacional.

Portugal, G. (1998). *Crianças, Famílias e Creches – Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.

Portugal, G. (2000). Educação de bebés em Creche. Perspectivas de formação teóricas e práticas.” *Infância e Educação – Investigação e Práticas*. Revista Lisboa: Gradiva.

Portugal, G. (2011). No âmago da educação em creche – o primado das relações e a importância dos espaços. In *Actas do Seminário A Educação das crianças dos 0 aos 3 anos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, pp.47-60. Recuperado em 2013, Junho 9, de <http://www.cnedu.pt>

Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de Bebés em Infantários – Cuidados e primeiras aprendizagens*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian;

Proença, M. C. (1999). *Didáctica da História*. Lisboa: Universidade Aberta.

Quivy, R., Campenhout, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, M. P. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de doutoramento. Universidad de Málaga: Facultad de ciência de la Educacion.

Reynolds, A. J. (1994). Effects of a preschool plus follow-on intervention for children at risk. *Developmental Psychology*, 30, 787-804.

Rebelo, I. (1996) “Detalhes da minha História de Vida: Um Testemunho”, in *Revista Educação, A Educação Pré-Escolar*, n.o 12, Porto Editora, Lda., Porto.

lia (4aed.). Porto: Edic es Afrontamento.

Ribeiro, M. (1994). *Família e Psicologia*. In *Traços da Família Portuguesa* (pp. 57-76). Ministério do Emprego e da Segurança Social. Direcção-Geral da Família.

culo e avaliação de competências. Lisboa:

Editorial Presença.

nicos. Creche

– Condições de implementação, localização, instalação e funcionamento. Lisboa: Direcção Geral da Acção Social.

Sampaio, D. (1996). *Voltei à escola*. Lisboa. Editorial Caminho

Sanders, M. G., Epstein, L. J., & Connors-Tadros, L. (1999). Family Partnerships With High Schools: The Parents' Perspective. <http://www.csos.jhu.edu/crespar/techReports/Report32.pdf>.

Segurança Social (2005). Manual de processos-chave creche. [Versão electrónica]. Recuperado em 2013, Dezembro 7, de http://www1.seg-social.pt/preview_documentos

Silva, P.(2003). *Escola – família, uma relação armadilhada - Interculturalidade e relações de poder*. Porto: Edições Afrontamento.

Sousa, A. (2005), *Investigação em educação*, Livros Horizonte , Lisboa.

Spodek, B. (2002). Manual de Investigação em Educação de Infância. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Springthall, N.; Collins, A. (1994). *Psicologia do adolescente, uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sprinthall, N. e Sprinthall, R. (2000). *Psicologia educacional*. Lisboa: McGraw-hill.

Strecht, P. (Abril/Julho de 1996). O Papel do Educador de Infância no Desenvolvimento Afectivo dos 0 aos 6 anos de idade. *Cadernos de Educação de Infância* , pp. 32-35.

Unicef (2002). *Situação Mundial da Criança 2003*, Nova Iorque.

Wolcott, H.F. (1994). *Transforming qualitative data: Description, analysis, and interpretation*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Van Voorhis, F., & Steven S.(2004). Principals' roles in the development of US programs of school, family, and community partnerships. *International Journal of Educational Research*, 41, 1, 55-70.

Vasconcelos, T. (2011). *A Educação dos 0 aos 3 Anos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. Recuperado em 2013, Junho 8, de http://santarem.udipss.org/v1/documentos/novidades/recomendacao_0_3.pdf

ANEXOS

Anexo I

Exmo. (a) Sr. (a) Diretor (a) da

Lisboa, _____ de 2013

Eu, Maria Eduarda Farias da Silva, funcionária da Santa Casa da Misericórdia da Lisboa, com número mecanográfico 21628, a exercer funções de auxiliar de educação no Centro de Acolhimento Infantil Vítor Manuel. Sou estudante de Mestrado em Educação Pré-Escolar, na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, encontro-me a realizar um relatório final de mestrado intitulado “O papel da creche sob o olhar de Pais e Educadores”.

Este relatório é composto por quatro partes: a Introdução é constituída por três questões de partida; Referencial teórico é formado nas respostas dadas por autores às questões de partida; Campo metodológico é composto pela pesquisa qualitativa e pela Análise de Dados recolhidos na nossa prática profissional. Neste campo do trabalho, necessito de realizar 9 entrevistas (3 a Educadores de Infância e 6 a Pais) para dar resposta às questões de partida, no âmbito da minha prática profissional. E no fim do relatório são feitas as Considerações Finais.

Venho por este meio solicitar a possibilidade de realizar estas entrevistas, salientando que todos os dados serão anónimos e de extrema confidencialidade. Sendo estes dados exclusivamente utilizados em proveito deste estudo.

A realização da entrevista será de aproximadamente 30 minutos.

Sem outro assunto e na expectativa de uma resposta favorável da sua parte, agradeço a atenção dispensada e despeço-me com os melhores cumprimentos.

Atentamente

Anexo II

Aos Pais

Lisboa, _____ de 2013

Como aluna da Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar, no âmbito do Relatório Final Prática do Ensino Supervisionada.

Venho solicitar a sua colaboração na realização de uma entrevista sobre o tema Relação Creche/ Família. O seu preenchimento será de aproximadamente 10 a 15 minutos.

Estas entrevistas são anónimas e de extrema confidencialidade.

Os dados recolhidos serão exclusivamente utilizados em proveito deste estudo.

Sem outro assunto agradeço a atenção dispensada e despeço-me com os melhores cumprimentos.

Atentamente,

Entrevistas aos pais

Mãe nº 1

Qual é a sua profissão?

-Empregada de mesa

O que pensa sobre a relação creche/ família?

-A creche tem que se relacionar bem com os pais para proporcionar um ambiente familiar com a criança para ter um bom desempenho

O que acha que contribui para esta relação?

-A amizade, respeito e claro os valores profissionais dos profissionais de ambas as partes

O que faz para estabelecer esta relação?

-O conhecimento do dia-a-dia, o diálogo e a participação

O que considera mais importante nesta relação entre creche/família?

-Ver a minha filha desenvolver se feliz

Quais as vantagens e desvantagens desta ligação?

-As crianças se relacionam bem, apreendem muito e não vejo desvantagem com isso.

Que dificuldades sentem nesta ligação entre creche e família?

-A falta de tempo. Pois trabalho muitas horas. As atividades da creche são por vezes num horário em que estou a trabalhar

Como pensa que o seu filho reage quando participa nas atividades propostas pela instituição?

A minha filha gosta muito quando eu venho à escola

Mãe nº2

Qual é a sua profissão?

-Sou empregada de limpeza

O que pensa sobre a relação creche/ família?

-É importante para eu saber como o meu filho vai na creche

O que acha que contribui para esta relação?

-Contribuir com respeito e educação e comunicação para todos nos darmos bem

O que faz para estabelecer esta relação?

-Faço tudo para estabelecer uma boa relação, tudo o que a creche me pede.

O que considera mais importante nesta relação entre creche/família?

-Ver que o meu filho está feliz na escola, que acorda de manhã e quer vir para a escola.

Quais as vantagens e desvantagens desta ligação?

-Acho que só temos a ganhar com uma boa relação entre creche/família

Que dificuldades sentem nesta ligação entre creche e família?

-Não tenho dificuldades nesta ligação entre creche e família

Como pensa que o seu filho reage quando participa nas atividades propostas pela instituição?

-Ele gosta quando venho à escola, está sempre ao meu colo quase que não me deixa fazer as atividades.

Mãe nº3

Qual é a sua profissão?

-Empregada de limpeza

O que pensa sobre a relação creche/ família?

-Esta relação é importante porque fico a saber como as minhas filhas estão na escola.

O que acha que contribui para esta relação?

-Existir uma boa comunicação, respeito por ambas as partes.

O que faz para estabelecer esta relação?

-Tento participar o máximo que posso nas atividades propostas pela instituição

O que considera mais importante nesta relação entre creche/família?

-Saber que as minhas filhas estão bem na instituição

Quais as vantagens e desvantagens desta ligação?

-A vantagem é saber o que as minhas filhas fazem na escola, o que aprendem. A desvantagem é não conseguir fazer todas as atividades propostas pela instituição por causa do meu horário laboral.

Que dificuldades sentem nesta ligação entre creche e família?

-A mesma que a desvantagem

Como pensa que o seu filho reage quando participa nas atividades propostas pela instituição?

As minhas filhas ficam cheias de ânimo crescente e orgulho por terem a mãe na escola.

Mãe nº4

Qual é a sua profissão?

-Empregada doméstica

O que pensa sobre a relação creche/ família?

-É importante porque fico a saber como o meu filho se comporta na creche e o que aprende lá

O que acha que contribui para esta relação?

._O que contribui nesta relação é existir compreensão de ambas as partes

O que faz para estabelecer esta relação?

- Tento estar presente, e fazer todas as atividades propostas pela creche.

O que considera mais importante nesta relação entre creche/família?

-O mais importante é saber o meu filho está bem.

Quais as vantagens e desvantagens desta ligação?

-A vantagem é ficar a saber como é o dia-a- dia o meu filho. A desvantagem é não ter tempo para participar em todas as atividades feitas na creche.

Que dificuldades sentem nesta ligação entre creche e família?

-Uma dificuldade é não ter tempo para vir a todas as atividades. As atividades podiam ser em horários diferentes dos meus. Também as atividades propostas pela creche são extremamente difíceis.

Como pensa que o seu filho reage quando participa nas atividades propostas pela instituição?

-O meu filho reage muito bem pois gosta de ver a mãe a participar.

Mãe nº 5

Qual é a sua profissão?

-Sou operadora de supermercado mas atualmente estou desempregada

O que pensa sobre a relação creche/ família?

-É importante existir esta relação para ficar a saber sobre as aprendizagens do meu filho e como ele passa o dia na escola.

O que acha que contribui para esta relação?

-Penso que contribuir na comunicação entre pais e educadores e auxiliares é fundamental para existir uma boa relação entre ambos.

O que faz para estabelecer esta relação?

-Tento sempre que me é solicitado estar presente em todas as reuniões, em todas as festas e diariamente quando vou pô-lo e buscá-lo falo muito com as Educadoras.

O que considera mais importante nesta relação entre creche/família?

-O mais importante nesta relação é sentir que o meu filho está feliz, pede sempre para vir para escola, e nunca quer ir embora.

Quais as vantagens e desvantagens desta ligação?

-As vantagens é ficar a saber das suas aprendizagens e como é o seu dia na escola. Não vejo nenhuma desvantagem

Que dificuldades sentem nesta ligação entre creche e família?

-Não tenho qualquer dificuldade nesta relação.

Como pensa que o seu filho reage quando participa nas atividades propostas pela instituição?

-O meu filho fica muito feliz quando eu venho à creche, os seus olhinhos até brilham.

Mãe nº6

Qual é a sua profissão?

-Empregada de balcão

O que pensa sobre a relação creche/ família?

-É uma relação bastante importante, afinal é na creche que o meu filho passa o dia. O espaço, as pessoas, e as outras crianças fazem o ambiente escolar bom ou mau. Tem de haver uma comunicação de ambas as partes, sincera e honesta, pois trata-se do bem-estar de crianças

O que acha que contribui para esta relação?

-O que contribui para esta relação haver comunicação pais – creche

O que faz para estabelecer esta relação?

-Cumprimentar todas as pessoas com quem me cruzo dentro do espaço, pais, funcionários e crianças. Avisar sobre alterações do meu filho, entregar a criança dentro do horário estabelecido. Preocupo-me com a alimentação, pergunto sobre as atividades diárias e participo nas propostas.

O que considera mais importante nesta relação entre creche/família?

-O mais importante nesta relação é ver o bom desenvolvimento do meu filho, parte dele devido aos esforços das Educadoras. E vê-lo feliz durante a sua permanência na creche.

Quais as vantagens e desvantagens desta ligação?

-A maior vantagem que vejo é perceber o dia-a-dia do meu filho, acompanhar a sua evolução. A desvantagem é a falta de tempo para participar em todas as atividades.

Que dificuldades sentem nesta ligação entre creche e família?

-Até hoje nunca tive muita dificuldade, havendo organização e vontade, tudo se faz. Existe um registo diário de entrada e de saída ou então para registar alterações ou notícias. Existe um caderno para passar mensagens e existem bons profissionais para ouvirem e falarem.

Como pensa que o seu filho reage quando participa nas atividades propostas pela instituição?

-Reage muito bem, pois sente que a escola é uma segunda casa, onde até os pais participam. Não existe distância na relação pais/creche, desde que exista amor e respeito pelas crianças.

Entrevistas Educadoras

Educadora C

Quais são as suas habitações literárias?

- Licenciatura Educação de Infância

Quantos anos de docência? Sempre no mesmo tipo de ensino (privado/ público)?

- 20 Anos, sempre no privado

Sente-se realizada com a sua profissão?

- Sempre me senti muito realizada com a minha profissão, mas nos últimos anos tenho sentido uma grande decepção em relação à profissão e a forma como a carreira tem evoluído. Existe na profissão uma falta de valorização do nosso trabalho, uma cobrança constante pela parte das chefias relativamente a documentos e prazos (mais preocupadas em valorizar a parte burocrática da profissão, do que a parte humana da relação com as crianças).

Qual a sua opinião relativamente à relação creche/ família?

- A família é o primeiro grupo de influência da criança, a vida familiar e a vida escolar são simultâneas, para mim as duas são indispensáveis e complementam-se entre si. Acho que deve haver uma parceria constante entre a família e a creche, na minha opinião a participação dos pais enriquece o trabalho educativo que se desenvolve na creche.

A interação com as famílias está presente no projeto que desenvolve em sala?

- O envolvimento e a participação dos pais na creche estão presentes no projecto pedagógico, foram delineados diversos objectivos e estratégias para promover a sua vinda à creche, envolvendo-os no processo educativo dos filhos, valorizando o seu papel e os seus contributos.

Quais as estratégias utilizadas?

- As estratégias utilizadas são diversas:

- Através da entrevista inicial e preenchimento da Ficha de Diagnóstico
- Valorizando o papel da família no momento da adaptação, promovendo as trocas de informação sobre hábitos e rotinas da criança
- Através do preenchimento, em conjunto com o Educador, dos PDI das crianças assim como da Avaliação do período de adaptação
- Estabelecendo com os pais uma programação de vinda dos pais e outros familiares das crianças, à sala para participarem e organizarem actividades com e para os filhos
- Promovendo a participação dos pais em passeios e visitas
- Através da construção em parceria com os pais do Portefólio Individual (como mais um instrumento de avaliação do desenvolvimento da criança ao longo do ano lectivo)
- Expondo os trabalhos efectuados pelas crianças na sala, nos espaços individualizados e nos espaços colectivos
- Divulgando o trabalho efectuado na sala através dos diversos placards, e Portefólio individual e “reportagens fotográficas”
- Realizando uma mostra de todo o trabalho efectuado ao longo do ano na “Exposição do Final do Ano Lectivo”
- Através das trocas informais diárias, do Caderno Vai e Vem (como instrumento de partilha, divulgação e informação) e do registo da actividade diária
- Realizando de reuniões de pais de sala e individuais
- Promovendo a avaliação das actividades desenvolvidas na sala e no estabelecimento com pais/famílias, através de instrumentos criados para esse fim (de forma a reflectir e melhorar a nossa prática)

- Incentivando a vinda à escola nos momentos festivos, participando no planeamento e organização desses momentos

A seu ver, quais as vantagens e desvantagens deste tipo de interação?

- Este tipo de interação com os pais e famílias promove o sentido de pertença da criança à creche, ajuda a que se criem laços de confiança recíprocos, com os pais e crianças e que permitem o estabelecimento de uma relação afectiva e securizante com a criança.

Não considero que haja desvantagem neste tipo de interação, existem sim muitas dificuldades na implementação.

Aquando da interação, quais foram as dificuldades sentidas?

- A maior dificuldade sentida é a articulação com as famílias, torna-se difícil às famílias responderem às diversas solicitações da creche: devido à carga horária nos trabalhos dos pais, à dificuldade das entidades patronais em facilitarem a vinda dos pais à escola, apesar de ser um direito consagrado na lei. Mas também senti dificuldade em chegar a algumas famílias, que apesar de não trabalharem, não valorizam o trabalho da creche, considerando um “peso” tudo o que lhes pedimos para fazer, incluindo as reuniões de avaliação dos filhos. Penso que existe em algumas famílias uma desconfiança constante, o que cria uma barreira quando propomos actividades de interação entre creche/família.

Como reagem as crianças a este tipo de interação entre creche/família?

- As estratégias de interação entre creche/família que envolvem as crianças são muito bem aceites pelas crianças, embora em algumas actividades propostas como as de participação dos pais em situações de vida da sala, como sessões de motricidade, contar histórias etc., algumas crianças tenham no início da actividade uma reacção um pouco negativa (recusando-se a participar, não deixando o colo dos pais, etc.), mas a maioria acaba por tirar proveito dessas actividades ao fim de algum tempo.

Educadora B

Quais são as suas habitações literárias?

-Licenciatura em Educação

Quantos anos de docência? Sempre no mesmo tipo de ensino (privado/ público)?

-Tenho 10 de docência e sempre no privado

Sente-se realizada com a sua profissão?

-Sim, sinto-me realizada. Porque a nossa profissão permite ajudar a desenvolver um pequeno ser a se tornar posteriormente um membro ativo na sociedade

Qual a sua opinião relativamente à relação creche/ família?

-Esta relação é extremamente importante porque é um meio de ligação com as famílias necessitam de muito apoio em creche- nas adaptações, rotinas e hábitos alimentares.

A interação com as famílias está presente no projeto que desenvolve em sala?

-A interação com as famílias está presente no meu projeto pedagógico de sala

Quais as estratégias utilizadas ?

-Algumas das estratégias utilizadas na creche foram: registos escritos e fotográficos, o caderno vaivém, os portefólios individuais das crianças e os dias festivos

A seu ver, quais as vantagens e desvantagens deste tipo de interação?

-As vantagens residem no bem-estar da criança, mas também é possível haver desvantagens quando esta interação entre a creche e a família for mal conduzida

Aquando da interação, quais foram as dificuldades sentidas?

-As dificuldades sentidas foram: algumas famílias não participam no trabalho de sala por motivos laborais. Ainda existem famílias que não participam por «vergonha medo de se exporem» Pois, algumas são mães muito novas, com pouca escolaridade que evitam escrever nos cadernos/portefólios. Algumas não sabem escrever.

Como reagem as crianças a este tipo de interação entre creche/família?

-As crianças adoram ver os seus pais na instituição e na sala. Quanto aos registos feitos nos cadernos, as crianças partilham esses trabalhos com muita satisfação.

Educadora A

Quais são as suas habilitações literárias?

-Licenciatura em Educação.

Quantos anos de docência? Sempre no mesmo tipo de ensino (privado/ público)?

-Tenho 7 anos de docência e sempre no privado

Sente-se realizada com a sua profissão?

-Sinto-me realizada, porque contribuo para um bom desenvolvimento das crianças. Penso que elas aprendem muito connosco e nós com elas

Qual a sua opinião relativamente à relação creche/ família?

-Para existir uma ligação é essencial uma relação comunicativa, sincera e disponível entre a creche e a família e a família e a creche.

A interação com as famílias está presente no projeto que desenvolve em sala?

-No meu projeto pedagógico está presente o envolvimento das famílias

Quais as estratégias utilizadas ?

-Algumas das estratégias utilizadas são: a comunicação e interação com as famílias diária. O diálogo, o registo de atividade diária, o caderno vaivém, as reuniões de plano de desenvolvimento individual, o envolvimento das famílias nas atividades do estabelecimento e o convite para participarem ou desenvolverem atividades na sala.

Quais como? Endereço de medição Telefone

A seu ver, quais as vantagens e desvantagens deste tipo de interação?

- Neste tipo de interação é vantajoso no sentido em que as famílias conhecem melhor a instituição e o trabalho pedagógico.

Quais envolvimentos? Parcerias

Aquando da interação, quais foram as dificuldades sentidas?

-Nesta ligação a falta de disponibilidade é o fator que poderá dificultar a interação.

Formação contínua de educadores e pais (e e)

Como reagem as crianças a este tipo de interação entre creche/família?

Competências

O por impulso do desenvolvimento é o caso de todos de ir.

-As crianças reagem positivamente, sentem-se mais confiantes se sentirem que a família e a creche comunicam de forma correta e assertiva.

O que as representações permitem descrever, analisar e interpretar a partir de um modelo de análise mais aberto às reflexões psicológicas.

tipos de interações e a família.

- + honras na proposta.
- + planejamento crítico
- + autonomia como fator de desenv.
- + transformações da ed. como

O que a Marcelo disse sobre o gesto do estado no En. Sup. fora p/ a creche - teriamos uma melhoria sem melhor.

Creche → Investimentos.

formação e opiniões sobre os familiares.

- Reuniões
- Cadernos de contato (!)
- Formações/Atividades contínuas e os pais.
- Interações com os pais "ausentes".
- Folhetos "tarefas"
- Pedi aos pais que sigam, no fim de semana, um conjunto de ações orientadas ao desenvolvimento e solicitar relatórios ao vivo e pelo caderno.

(Textos que podem ser

A candidata apresenta com clareza e calma a expressão do projeto e os pontos dados.

A pergunta de partida e a construção do objeto de estudo mostram-se bastante pertinentes e relevantes. O processo de construção teórica mostrou-se aceitável, dada a ausência de um conjunto estruturado de definições de conceitos, e a presença de elementos descritivos pertinentes.